

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Luciana dos Santos**

**Fragmentos de memórias: o processo de remoção das favelas da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea.**

Monografia apresentada ao Departamento de História da PUC-Rio como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História

**Orientadora:  
Profa. Dra. Margarida de Souza Neves**

**Departamento de História  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro, novembro de 2011.

**A minha mãe Dona Rosa.**

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço à minha família que sempre esteve presente nos momentos mais importantes e decisivos da minha vida e da minha trajetória acadêmica. À minha mãe, Rosa, pelo amor, dedicação e pela educação que me propiciou com muito esforço e dignidade. Ao meu querido irmão Juliano, que desde o seu nascimento, foi meu grande amigo e meu apoio nos momentos difíceis. Ao meu amado filho Gabriel, que trouxe luz, alegria e amor a minha vida. Ao meu pai Raimundo, pelo apoio. Ao meu grande amigo Lucas pela força e o carinho. Por fim, agradeço também à turma 2007.1, carinhosamente, apelidada de *Oikos*, que foram meus companheiros nessa jornada chamada graduação. Agradeço também a Beth, Eduardo e Juliana, amigos que levarei por toda a minha vida.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela bolsa de estudos a mim concedida. Ao FESP e toda sua equipe por oferecerem meios que possibilitaram a realização da minha graduação com mais tranquilidade.

A toda equipe do Núcleo de Memória: Antônio, Clóvis Gorgônio, Eduardo, Elizabeth, Juliana, Paloma e Roberto, pelo companheirismo, dedicação, seriedade, e, acima de tudo, pelos laços de amizade que guardarei para sempre. À pesquisadora Sílvia Ilg pelo carisma e profissionalismo.

À minha orientadora Margarida de Souza Neves pela confiança, estímulo, paciência e ternura, que sempre pautou as nossas relações.

Aos demais professores, funcionários e amigos do Departamento de História da PUC-Rio, que também foram fundamentais no decorrer da minha trajetória acadêmica.

Muito obrigado!

**Resumo:**

Esse trabalho monográfico apresentado para obtenção do grau em Licenciatura em História desenvolve uma reflexão a partir de uma série de 18 fotografias relacionadas com as remoções das favelas da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea. Ambas são favelas da Zona Sul carioca que foram removidas como parte da política do governo para tentar resolver o problema habitacional do Rio de Janeiro. O objetivo principal desse trabalho é mostrar essas favelas como lugares de memória, tanto para o Rio de Janeiro quanto para os moradores envolvidos nas remoções.

**Palavras-Chave:**

Praia do Pinto, Parque Proletário da Gávea, favela, remoção, lugar de memória.

## **Sumário:**

<b>Introdução</b> .....	06
<b>Capítulo I – A Favela e a História</b> .....	10
I.2 – A Favela é um problema.....	14
I.3 – Favela: o X da Questão.....	19
<b>Capítulo II – A Praia do Pinto e o Parque Proletário da Gávea: Favelas que fizeram parte da paisagem da Zona Sul carioca</b> .....	30
II.2 – As fotografias como fonte histórica.....	32
II.3 – A Praia do Pinto e o Parque Proletário da Gávea.....	36
<b>Capítulo III - A política habitacional do Rio de Janeiro</b> .....	54
III.2 - A Cruzada São Sebastião: uma alternativa mais humana.....	56
III.3 - Cidade de Deus, Vila Aliança e Vila Kennedy soluções ou a criação de mais problemas.....	62
III.4 – A vida em conjunto.....	66
<b>Conclusão - .....</b>	<b>67</b>
<b>Documentação - .....</b>	<b>71</b>
<b>Bibliografia - .....</b>	<b>74</b>

## Introdução:

A memória dos indivíduos e da sociedade é formada por lembranças e esquecimentos. Neste trabalho, pretendo pensar possíveis suportes da memória em Favela da Praia do Pinto, localizada às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, onde atualmente se encontra o condomínio Selva de Pedra, e do Parque Proletário da Gávea, localizado onde atualmente se encontra o estacionamento da PUC-Rio, para operar com a noção de *lugares de memória*, proposta por Pierre Nora<sup>1</sup> e, destarte, busco pensar a favela da Praia do Pinto e o Parque Proletário da Gávea como lugares de entrecruzamento de lembranças e esquecimentos. É este entrecruzamento que fará dessas favelas, nas suas dimensões física, simbólica e funcional, um lugar de memória para seus moradores e para a própria cidade do Rio de Janeiro.

As remoções dessas favelas durante as décadas de 1960 e 1970 fizeram parte de um projeto do governo que tentou erradicar do Centro e da Zona Sul carioca a parte considerada insalubre da cidade, que insistia em se mostrar. Porém esse projeto que tinha como meta remover os moradores das favelas não saiu como o esperado, pois as remoções geraram um movimento de retorno de boa parte dessa população removida para as favelas que ainda resistiam no alto dos morros.

Foram selecionadas fotografias de momentos significativos na história da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea e que foram conservadas em acervos de instituições e em registros da imprensa da época: algumas mostram cenas de quando estas ainda tinha um aspecto rural; outras a chegada dos novos vizinhos e a mudança de grande parte dos moradores da Praia do Pinto para a Cruzada São Sebastião, Vila Kennedy e Vila Aliança; outras registram cenas do passado e do presente dos locais para onde os moradores foram removidos.

---

<sup>1</sup> Pierre Nora. “**Entre memória e história : a problemática dos lugares.**” IN Revista Projeto História. nº 10 História & Cultura. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós- Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.

De acordo com a historiadora Ana Maria Mauad, as fotografias têm o poder de emocionar e de transportar quem as vê para o momento em que foram tiradas, diz ela que: “*A simples menção da foto já nos remete aos fatos e aos seus resultados*”<sup>2</sup>.

As fotografias selecionadas para este trabalho são muito mais do que um simples ato espontâneo, elas são fruto de uma seleção que começa quando o fotógrafo escolhe o que fotografar, passam pela a seleção não só do tempo como a do que escolhi para analisar. São um documento/monumento, já que, conforme escreveu a historiadora Ana Maria Mauad, parafraseando Jacques Le Goff; “*(...) há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento*”.<sup>3</sup> Desta forma, a imagem tanto é uma marca do passado, quanto um símbolo que foi escolhido para ser retratado e guardado para a sociedade no futuro.

No primeiro capítulo traço um histórico das favelas e das políticas de remoção utilizadas pelo governo. O recorte temporal desta monografia, ainda que remeta a momentos sucessivos das políticas públicas voltadas para a questão da moradia da população de baixa renda desde a reforma de Pereira Passos, concentra-se na década de 1970, com foco na remoção da favela da Praia do Pinto e do Parque proletário da Gávea. Este capítulo inicial tem o objetivo de evidenciar como as políticas públicas utilizadas não pensavam na questão social do morador das favelas e visavam, sobretudo à transferência da moradia dos pobres, cuja presença em locais valorizados da cidade era vista como um problema, para outros locais. A favela não foi incluída nos projetos urbanísticos da cidade do Rio de Janeiro.

No segundo capítulo, faço a análise das fotografias da favela da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea. Foram selecionadas fotografias de momentos da história destas favelas e, dentre elas, destaco as fotografias das remoções, já que apesar de serem duas favelas distintas, os sentimentos de

---

<sup>2</sup> Ana Maria Mauad. “Através da imagem: fotografia e história interfaces”. Rio de Janeiro: Revista Tempo, vol. 1, nº. 2, 1996. P. 05.

<sup>3</sup> Idem. Ibidem.P. 08.

expectativa e de dor na hora de deixar suas antigas casas se aproximam. Neste capítulo reconheço as dificuldades e os desafios do trabalho do historiador com fotografias.

O terceiro capítulo procura por em evidência o momento posterior às remoções, a chegada das famílias removidas aos conjuntos habitacionais em bairros muito distantes do Centro e da Zona Sul Carioca, e suas reações diante da constatação da ausência de infraestrutura nos locais onde foram construídos os conjuntos habitacionais para onde foram transferidos, a falta de calçamento nas ruas, falta de escolas próximas com vagas suficientes, a ausência de hospitais por perto e os problemas com o transporte público e a distância dos locais de trabalho. Esse conjunto de problemas está na origem do retorno de parte dessa população removida para outras favelas da Zona Sul ou do Centro, para ficarem perto de onde havia trabalho.

Nesse capítulo há um destaque para a atuação de Dom Helder Camara, e sua escolha por uma via mais humana para a solução da realocação da população que morava na favela da Praia do Pinto após o incêndio, de origem nunca esclarecida, que devastou boa parte de seus barracos do Rio de Janeiro, com a criação dos prédios que conformam a Cruzada São Sebastião, iniciativa que gerou muita polêmica e fortes reações, uma vez que o conjunto de edifícios situa-se no bairro do Leblon, em um dos locais mais valorizados da Zona Sul.

As minhas conclusões apontam na direção de que a remoção dessas duas favelas sublinha a exclusão social dessas populações, põe em evidência os interesses que presidiram essas iniciativas e revela a lógica excludente da sociedade e da cidade do Rio de Janeiro em particular. No caso da remoção dessas duas comunidades, também é possível verificar a reação possível da população removida, quer pelo movimento de retorno para outras favelas mais próximas aos locais de trabalho dessa população quer pela organização destes moradores em associações que reivindicavam melhores condições para seus novos locais de moradia e, dessa forma, lutavam por seus direitos de cidadania.

A história dessas remoções deixou marcas, cicatrizes invisíveis na memória da cidade do Rio de Janeiro e das pessoas que sofreram com o processo.

Uma dessas pessoas é o meu pai, que morou na favela da Praia do Pinto e foi removido para o conjunto habitacional da Cidade de Deus, onde vive até hoje. Desde o início das minhas pesquisas tentei conversar com ele sobre o assunto, mas ele foi resistente e sempre me respondeu que não se lembrava de nada deste período. Foi então que percebi que essa remoção deixou cicatrizes profundas em sua memória e que ainda não estão totalmente saradas.

(...) “Certo já ouvira falar das habitações do morro de Santo Antonio, quando encontrei, depois da meia noite, aquele grupo curioso – (...) Eu percebi que estava numa cidade dentro da grande cidade. (...) Acompanhei-os, e dei num outro mundo. A iluminação desaparecera. Estávamos na roça, no sertão, longe da cidade. (...) Todas são feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas de flandres, taquaras. A grande artéria da urbs era precisamente a que nós atravessávamos. Dessa, partiam várias ruas estreitas, caminhos curtos para casinhotos oscilantes, trepados uns por cima dos outros. Tinha-se, na treva luminosa da noite estrelada, a impressão lida na entrada do arraial de Canudos, ou a funambulesca idéia de um vasto galinheiro multiforme. Aquela gente era operária?”  
 (...) João do Rio. **Vida Vertiginosa**. 1917.

## 1 – A Favela e a História

A obra literária de João do Rio é uma fonte incomparável para conhecer o Rio de Janeiro do início do século XX, e o autor é um dos poucos a trazer para o texto literário o que chamou de “livres acampamentos da miséria<sup>4</sup>”, que a cidade que pretendia ser a capital da ordem e do progresso teimava em esquecer e em esconder.

Durante um longo período as favelas, tal como ficaram conhecidos os conjuntos de barracos que subiram as encostas dos morros da cidade, aparecem de forma secundária nos estudos realizados sobre o Rio de Janeiro do início do século XX. No entanto, as favelas aparecem frequentemente, nas crônicas de vários autores no início do século 1900, entre eles Olavo Bilac, Lima Barreto e João do Rio e nas páginas policiais dos jornais.

*“Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e reuni-las por paredes duvidosas (...). Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas nos morros da cidade”.*<sup>5</sup>

Para entender o país, os estudiosos se voltam para a análise sobre as questões de raça e das classes trabalhadores e destas classes inseridas no mundo do trabalho. Nas análises sobre as classes populares são privilegiados dois eixos: o político e o cultural. De baixo do rótulo abrangente e pouco preciso de “*povo*”, as camadas sociais mais pobres são excluídas da vida política, sem serem ao menos

<sup>4</sup> João do Rio. **Vidas Vertiginosas** - 1917. IN: Jangada Brasil a cara e a alma brasileiras. <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/novembro84/al84011b.asp>. Ano VIII - Edição 84, Novembro de 2005.

<sup>5</sup> Lima Barreto. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. p. 64. Disponível em [http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/clara\\_dos\\_anjos.htm](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/clara_dos_anjos.htm)

consultadas quando, por exemplo, o assunto lhes diz respeito, como no caso das remoções.

É o caso da favela da Praia do Pinto que se localizava as margens da Lagoa Rodrigo de Freitas e que foi removida no final da década de 1960, quando foi vítima de um incêndio considerado por muitos como criminoso. Um segundo caso a ser analisado é o do Parque Proletário da Gávea que ficava onde atualmente se encontra o estacionamento da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Construído em 1942, para ser um lugar provisório para os removidos das favelas ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas, alguns da própria favela da Praia do Pinto, em uma das primeiras tentativas de remoção desta favela.

Todavia, o que foi feito para ser provisório tornou-se permanente e acabou, por fim, por tornar-se uma nova favela. Pelo descaso do governo com seus moradores, o Parque Proletário da Gávea foi removido em 1974, com a desculpa de que por ali passaria a autoestrada Lagoa - Barra.

Na Primeira República, a história das favelas ficou à margem das análises feitas sobre esse período, o que acaba por evidenciar de que forma vai ser construída uma visão social da favela nos períodos seguintes. A favela faz parte de um Rio de Janeiro que não pode mais existir e, como uma erva daninha em um jardim, ela deve ser removida.

A favela sempre é vista como o lugar da desordem já que, observada de fora, pode parecer uma Torre de Babel, onde há uma confusão de becos e o emaranhado de fios e canos, que não seguem a ordem preestabelecida pelos que imprimem direção à cidade e à sociedade. A busca, na primeira República, de uma modernidade nos moldes das sociedades européias e, nos períodos subsequentes as políticas públicas pautadas por uma lógica excludente, sublinham o desconhecimento e os preconceitos em relação às favelas e aos que nelas habitam, em sua maioria trabalhadores que prestam serviços subalternos à cidade. O que não se entendia e ainda não se entende sobre as favelas é que elas não são uma desordem, mas seguem uma outra ordem, aquela que é possível em condições adversas e sem o apoio dos serviços públicos, que dá origem a uma outra forma de organizar os espaços e as relações sociais. Essa outra forma de organização surge

da adaptação desta população, marcada pelo descaso público, a essa nova forma de moradia, no alto dos morros da cidade.

*“(...) registrada oficialmente como a área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgoto, sem água, sem luz.”<sup>6</sup>*

Esta visão da favela é fruto de uma história do descaso com a população pobre na cidade do Rio de Janeiro, que ganha os contornos do que hoje conhecemos na virada do século XIX para o XX. Uma cidade marcada por esse paradoxo, de um lado uma metrópole moderna, que contrasta com a imensa pobreza que afeta a maioria de sua população. O irônico é observar a favela se torna uma marca da cidade maravilhosa, quase tão inesquecível quanto os belos pontos turísticos, tal como atesta a notícia abaixo transcrita:

*“O Santa Marta, primeira comunidade a ganhar uma UPP, em dezembro de 2008, é o segundo passeio mais procurado na agência de turismo Jeep Tour. De acordo com Rafael Ricci, diretor da agência, a favela só perde para o Corcovado. Nos últimos oito meses, a empresa diz ter levado 1.500 pessoas para conhecer essa comunidade.”<sup>7</sup>*

Uma das origens possíveis do nome favela é que este surgiu por causa dos soldados que lutaram na guerra de Canudos. Quando terminou a guerra, eles teriam vindo para o Rio de Janeiro e, por não terem recebido o soldo que lhes era devido, se instalaram no alto do morro da Providência, que passou com o tempo a ser chamado de Morro da Favela. Este nome teria origem no nome de uma planta, cujo habitat natural seria no alto dos morros no sertão da área onde as tropas da República dizimaram a aldeia fundada por Antonio Conselheiro. Desta forma, segundo a socióloga Licia Valladares, a origem da palavra Favela vai carregar consigo a força e a resistência de Canudos.

*“No entanto é bom frisar, não foi simplesmente Canudos, não foi uma povoação de Canudos qualquer que desempenhou o papel de mito de origem da favela*

---

<sup>6</sup> Alba Zaluar, Marcos Alvito, (Orgs.). **Um Século de Favela**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.07.

<sup>7</sup> Monique Cardone. **Com UPPs, aumenta procura de turistas e cariocas por passeios em favelas do Rio de Janeiro. Santa Marta chega a ser o segundo lugar mais disputado em uma agência de turismo**. R7, 28/03/2011. Disponível em <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/com-upps-aumenta-procura-de-turistas-e-cariocas-por-passeios-em-favelas-do-rio-de-janeiro-20110328.html>

*carioca. Foi o arraial de Canudos descrito em Os Sertões de Euclides da Cunha.<sup>8</sup>*”

No entanto a favela, um lugar do vazio de poder público, foi o lugar onde vimos nascer grandes sambistas, e o samba transformou-se em uma das marcas culturais da identidade da cidade e mesmo do Brasil. E se é do alto das lajes que se vislumbram as melhores vistas da cidade do Rio de Janeiro, talvez também a partir do ponto de vista de seus moradores seja possível descortinar algumas perspectivas inesperadas sobre a história da cidade.

**A essa particularidade, esse trabalho pretende somar a intenção de seguir as trilhas abertas por historiadores de várias procedências que, nos últimos vinte anos, se somaram a cientistas sociais de diversas especialidades que estudaram questões direta ou indiretamente ligadas à favela e à cultura popular tais como, para citar alguns exemplos, Sidney Chalhoub<sup>9</sup>, Leonardo Affonso de Miranda Pereira<sup>10</sup>, Maria Clementina Pereira da Cunha<sup>11</sup>, Martha Campos Abreu<sup>12</sup>, Rômulo Costa Mattos<sup>13</sup>, Silvio de Almeida Carvalho Filho<sup>14</sup>.**

---

<sup>8</sup> Licia Valladares. *A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às ciências sociais.* REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 15. Nº 44. P. 09.

<sup>9</sup> Sidney Chalhoub. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque.* São Paulo: Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.* São Paulo, Cia da Letras, 1996.

<sup>10</sup> Leonardo Affonso de Miranda Pereira. *Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Carnaval das Letras.* São Paulo: UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_. *As barricadas da saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

<sup>11</sup> Maria Clementina Pereira da Cunha. *Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>12</sup> Martha Campos Abreu. *"Em Nome da Moral e dos Bons Costumes:" Discursos Jurídicos e Controle Social.* COLECAO PAPEIS AVULSOS-CASA RUI BARBOSA, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-20, 1986.

<sup>13</sup> Rômulo Costa Mattos. *Pelos Pobres! As Campanhas pela Construção de habitações Populares e o Discurso sobre as Favelas na Primeira República.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Doutor, 2008.

\_\_\_\_\_. *Aldeia do mal: o Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Mestre, 2004.

<sup>14</sup> Silvio de Almeida Carvalho Filho. *Visões Da Criminalidade Nos Musseques Caluandas E Nas Favelas Cariocas: Uma Análise Comparativa Entre Ladeiro E Perlman.* In: **VI Semana de História da UERJ Integração, Discurso e Representação, 2007, Rio de Janeiro. VI**

## 1.2 – A Favela é um problema

A favela passa a ser vista no início do século como um duplo problema, sanitário e policial, uma vez que evidencia e hipertrofia as evidentes limitações do poder público diante das mazelas da cidade como um todo. Os sambistas, por exemplo, eram tidos como vadios e inclusive havia uma lei que permitia sua prisão, pois eram vistos como desocupados – independente do fato de terem ou não trabalho - quando circulavam pelas ruas com seus violões, instrumento que, por muito tempo, foi identificado com a malandragem e a desordem. Outro grupo também visto como composto por meliantes eram os capoeiristas<sup>15</sup>.

Vistos como foco de criminalidade e de doenças, é interessante observar que o cerco aos morros começa a ser adotado neste momento e é usado até hoje, o que é esquecido é que nas favelas existe também gente que ganha à vida honestamente e que sofre grande discriminação. O trecho abaixo transcrito é de um documento de 04 de novembro de 1900, e está citado no livro *Um Século de Favela*. Neste trecho podemos observar as táticas da polícia e do imaginário entorno dos moradores das favelas, vista como um foco de maldade. Com variações e matizes que por vezes acentuam seu caráter generalizador e preconceituoso, essa visão é mais próxima de algumas formulações feitas nos dias atuais do que seria de esperar.

*“(...) o morro da Providência [é] infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias no local designado, se bem que não haja famílias no local designado, é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do Exército, (...) de modo que para a completa extinção dos malfeitores apontados se torna necessário um grande cerco, que para produzir resultados, precisa pelo menos de um auxílio de 80 praças completamente armados.”<sup>16</sup>*

Antes que uma produção crítica das Ciências Sociais entrasse em cena, outros setores da sociedade começam a se preocupar com o aumento e expansão das favelas do então Distrito Federal. Grupos formados, principalmente, pelas elites cariocas se preocuparam em descrever e tomar medidas, não para combater

---

**Semana de História da UERJ Integração, Discurso e Representação.** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. v. 1. p. 574-583.

<sup>15</sup> Luiz Eduardo. **A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO BRASIL.** Publicações e Artigos - Capoeira no portalcapoeira.com

<sup>16</sup> Alba Zaluar e Marcos Alvito (ORGs). **Um Século de Favela.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.08.

a miséria e a pobreza, mas sim para evitar a proliferação do que viam como doenças físicas e sociais e do desvio moral que eram causados pelas favelas.

Olavo Bilac é um autor cuja leitura permite entender o porquê a limpeza nas favelas, não dera certo, simplesmente, porque, para ele, não valia a pena, tal gasto no âmbito das finanças do Estado. Em 1927, a favela entra pela primeira vez em um plano oficial de embelezamento da Capital Federal, preparado pelo francês Alfred Agache (1875-1959). Como solução para o problema das favelas ele propõe a transferência da população favelada, em benefício da estética e higiene da cidade.

*“Não há como negar as palavras de Pedro Ernesto. O plano Agache pretendia transformar o Rio de Janeiro (ou pelo menos o centro e a zona sul) numa cidade monumental. (...) o Plano pretendia ordenar embelezar a cidade segundo um critérios funcionais e de estratificação social do espaço. (...) o centro da cidade seria subdividido em áreas funcionalmente distintas, tais como Bairro das Embaixadas, os Jardins do Calabouço, o Centro de Negócios propriamente dito (Castelo), o Centro Bancário (limitado pelo quadrilátero Avenida Rio Branco, Ruas 1º de março, Sete de Setembro e Candelária), o Centro administrativo (na freguesia de Sacramento) e o Centro Monumental (em Santo Antônio).”<sup>17</sup>*

O previsto era que os bairros da Zona Sul seriam destinados às classes com maior poder aquisitivo. Os bairros de Ipanema, Leblon e Gávea seriam transformados em um modelo de cidade jardim dos esportes. A intenção para o destino das favelas nesses locais fica clara, ou seja, não haveria lugar para essa grande população que não tinha o perfil adequado para fazer parte deste plano urbanístico que visava um modelo ideal de cidade. A favela da Praia do Pinto já é considerada uma das maiores da época e um alvo certo do Plano. Esse também seria, mais tarde o destino do Parque Proletário da Gávea que ocupava um local privilegiado ao lado da Fábrica de Tecidos São Félix, que mais tarde se transformaria no Cotonifício da Gávea.

O plano atingia também os bairros do Catete, Laranjeiras, Flamengo, Botafogo, Andaraí, Vila Isabel, Tijuca, Aldeia Campista e Rio Comprido que deveriam abrigar a burguesia e a população de classe média. Santa Teresa, por sua proximidade com o Centro, seria um bairro destinado para as residências dos

---

<sup>17</sup> Mauricio de Almeida Abreu. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPP, 2006. p.86.

funcionários públicos, restando assim para a classe operária São Cristóvão e os subúrbios. Este plano, tão cartesiano, não leva em consideração as vidas e as histórias entrelaçadas das pessoas que foram retiradas, por vezes à força de suas residências nos altos dos morros.

O Plano Agache é o primeiro que cita a favela em um documento oficial e trata dessa nova forma de habitação popular. No plano é abordado o contraste produzido pelas construções dos barracos no alto dos morros, e seu autor trata as favelas como uma ferida que deve ser cauterizada. O Plano também não ignora as causas da existência das favelas, por exemplo, as vantagens para o morador de viver mais próximo ao seu local de trabalho.

As transferências vão evidenciar um movimento de remoção e reação, análogo à terceira lei de Newton, que afirma que toda ação gera uma reação de igual intensidade. No caso da urbanização da cidade do Rio de Janeiro, esse movimento ocorre em relação às favelas desde sua gênese, toda vez que se toma alguma atitude em relação às áreas ocupadas pela população pobre, no caso de removê-la, cria-se no momento seguinte uma reação contrária a esta remoção. Quando começa a remoção da favela da Praia do Pinto, seus moradores se mudam para outras favelas, como é o caso de algumas famílias que foram morar na favela do Chapéu Mangueira, em Copacabana.

Essa é a história, por exemplo, da ex senadora Benedita da Silva e atual Deputada Federal eleita em 2010, que foi moradora da favela Chapéu Mangueira durante 57 anos. Sua família foi uma das que saíram durante o processo de remoção da favela da Praia do Pinto, antes do incêndio em 1969. Em entrevista para o programa *De Lá Pra Cá*, da TV Brasil, apresentado pelo jornalista Ancelmo Gois, por ocasião dos 40 anos da remoção da favela da Praia do Pinto, a deputada revela um pouco da intimidade da família, conta que quando saiu de lá ainda era muito pequena e que sua mãe trabalhava como lavadeira, uma ocupação bastante freqüente entre a população feminina das favelas, mas que hoje em dia está quase extinta. Conta também que sua mãe tinha um terreiro de Umbanda e que mesmo já moradora do Chapéu Mangueira, se dividia entre as duas favelas, devido a suas obrigações com o terreiro.

O momento inicial e que permite entender a política de remoções é o das famosas reformas de Pereira Passos, durante a presidência de Rodrigues Alves, quando é posto em prática a política que ficou conhecida como “o bota abaixo”. Nem na prefeitura Pereira Passos nem na de um de seus antecessores, o prefeito Barata Ribeiro que removeu os cortiços do Centro da Cidade, houve um plano de substituição habitacional para os desalojados. A abertura da Avenida Central, hoje Rio Branco, por exemplo, que despejou nas ruas os moradores de cerca de 2.000 casas, deixou essa população sem ter para onde ir.

O movimento seguinte a esta remoção foi que a maioria dos moradores sem ter para onde ir, realocou-se nas ruelas secundárias do Centro ou subiu os morro que ficavam que ficavam no Centro da Cidade. O mais interessante é que estes moradores foram autorizados a utilizar os restos dos cortiços e moradias derrubados para contraírem suas novas moradias.

*“(...) antes da chegada dos soldados de Canudos, e durante a destruição do maior cortiço do Rio de Janeiro, o prefeito Barata havia permitido a retirada de madeiras que poderiam ser aproveitadas em outras construções. Alguns moradores teriam então subido o morro por detrás da estalagem.”<sup>18</sup>*

Desta forma, a favela é como um espelho invertido de uma identidade urbana civilizada que se buscava construir. Esse movimento de remoção e reação acompanha a história das favelas do Rio de Janeiro até os dias atuais. Segundo Zuenir Ventura afirma, com base em formulação da professora Maria Alice Resende Carvalho, esse movimento está na origem do que chama uma *cidade partida*<sup>19</sup>, e separa assim o Rio em duas cidades antagônicas, mas que, paradoxalmente, uma não vive sem a outra.

Outro que critica essa urbanização não pensada é Lima Barreto, ao afirmar que o governador tem duas cidades para se preocupar, a europeia e a indígena<sup>20</sup>. Esse discurso replica o de alguns dos viajantes do século XIX que relatavam a existência não de duas cidades, mas de dois Brasis.

<sup>18</sup> Licia Valladares. **A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às ciências sociais.** REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 15. Nº 44. p. 07.

<sup>19</sup> Zuenir Ventura. **Cidade Partida.** São Paulo: Companhia das letras, 1994.

<sup>20</sup> Monica Pimenta Velloso. **As tradições populares na Belle Époque carioca.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1987.

Atualmente, no Rio de Janeiro, essa dualidade se apresenta através da oposição *favela x asfalto*. Essa dicotomia entre o asfalto e a favela pode ser vista nas fotografias que serão analisadas nos próximos capítulos, tanto no que diz respeito à favela da Praia do Pinto, em contraste com “a cidade” que cresce em seu entorno, quanto no que se refere ao Parque Proletário da Gávea antes de ser removido e já com a PUC-Rio em pleno funcionamento a seu lado.

*“(...) o Rio de Janeiro representa metonimicamente o Brasil justamente porque mantém essa tensão entre o pessoal e o impessoal, entre o moderno e o antigo, entre a ordem e a desordem, tensão para a qual a presença da favela tem oferecido modelos, desafios e contestações, além dos estilos de dança e gêneros musicais, dadas a grande criatividade cultural nela desenvolvida”.*<sup>21</sup>

Toda vez que há uma expansão ou remodelação da área urbana da cidade, este movimento faz com que as populações mais pobres sejam empurradas para o alto dos morros ou para os subúrbios, que ficam cada vez mais superpopulosos, assim como ocorre atualmente com, por exemplo, o bairro de Jacarepaguá. Esse aumento demográfico também ocorreu na então freguesia da Gávea, nos anos de 1873, que vai ter um aumento populacional, com a chegada da linha do bonde e depois com o início da construção do Jockey Club, o que fará com uma grande massa de trabalhadores da construção civil more na favela da Praia do Pinto por conta da proximidade com o local de trabalho.

O problema das favelas no Rio de Janeiro cresce conforme aumentam os projetos de urbanização da cidade. Uma urbanização que não tem em seu planejamento as classes sociais mais pobres e que são as bases dessa mesma urbanização, ou seja, sem essas pessoas a urbanização não aconteceria.

As favelas do então Distrito Federal, a cidade do Rio de Janeiro, serão vistas como um problema administrativo a partir da década de 1940. Através de estudos se evidencia que o aumento do número de moradores das favelas do Distrito Federal está ligado aos problemas agrários, causados pelo êxodo rural, causado pelas secas que ocorriam em vários Estados brasileiros, e pela falta de oportunidades para a população rural. A escolha pela a região sul do país é devida à grande concentração de indústrias, mesmo assim, o número de pessoas que vem

---

<sup>21</sup> Alba Zaluar, Marcos Alvito (ORGs). **Um Século de Favela**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.13.

a procura de emprego e muito maior que o número de vagas oferecidas, gerando desemprego.

*“Grande parte dos moradores das favelas do Distrito Federal vem do nordeste e ainda dos Estados da Bahia, Minas, Espírito Santo e do Estado do Rio.”*<sup>22</sup>

Com a chegada desses imigrantes, vindos de todas as partes do país, trouxe consigo novos costumes, o que vai transformar culturalmente o Rio de Janeiro. Esses novos costumes se fundiram aos já existentes e formaram o que hoje é essa mistura carioca de todas as cores.

*“Com a chegada de levas de nordestinos, que traziam outra bagagem cultural, a favela também passou a ser vista como reduto anacrônico de migrantes de origem rural mal adaptados a excelências da vida urbana, ignorando-se os conflitos que advieram da convivência forçada num espaço cada vez menos entre negros cariocas (‘de raiz’) e migrantes nordestinos”*<sup>23</sup>

### 1.3 – Favela: o X da Questão

A questão social representada pelas favelas passa a despertar o interesse dos administradores preocupados com a modernização da cidade, assim como também chama a atenção de alguns católicos, preocupados com seus deveres religiosos para com os menos afortunados.

*“No meio cristianizado, desde algum tempo, este movimento vem tomando volume, sistematizando-se e estabelecendo normas e princípios fortificados nas palavras pontifícias: quando aconselha a união de todos os homens de boa vontade, sob a orientação e o magistério da Igreja, segundo o gênio, as forças, a condição de cada um, para que possam contribuir de qualquer maneira para a restauração cristã da sociedade.”*<sup>24</sup>

O desenvolvimento da capital do Brasil fez com que o número de favelas duplicasse entre os anos de 1900 e 1950, e crescesse cada vez mais nos anos seguintes. As moradias das favelas são entendidas, principalmente, pela igreja católica como abaixo das condições mínimas para que haja uma vida digna e moral. Estes setores da sociedade também estão preocupados com a proliferação

---

<sup>22</sup> Isaura Lengruher Poertugal. **Favela, problema administrativo**. Trabalho de conclusão de curso da Escola de Serviço Social da PUC-Rio, 1959. P.09.

<sup>23</sup> Alba Zaluar e Marcos Alvito (ORGs). **Um Século de Favela**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P.15.

<sup>24</sup> Isaura Lengruher Poertugal. **Favela, problema administrativo**. Trabalho de conclusão de curso da Escola de Serviço Social da PUC-Rio, 1959. P.04.

de religiões não católicas: “*O que predomina nos morros é o baixo espiritismo com suas macumbas.*”<sup>25</sup>

Um destes grupos que lideram as iniciativas católicas no sentido de ajudar a população empobrecida é a Fundação Leão XIII, fundada em 1946, que tinha como principal objetivo prestar assistência aos moradores das favelas do Rio de Janeiro. A Fundação abria dentro das favelas agências sociais com o objetivo de levar assistência médica, educação e de mapear essas comunidades, quem são e quantos são, com o objetivo de levar para as favelas o humanismo cristão.

*“A favela Barreira do Vasco esta destinada a se tornar um bairro popular. É preciso construir, ali, 1250 casas para 1250 famílias que, junto ao Estádio do Flamengo, vivem em míseros barracos. Estas casas serão alugadas ou vendidas aos favelados”*<sup>26</sup>

A Fundação tinha um projeto para transformar as áreas favelizadas em bairros populares, e para isso, ao mesmo tempo em que desenvolvia a catequese e os esportes, buscava melhorias nas moradias. Na favela da Praia do Pinto funcionava a Agência Social Provisória I Ana Néri, que visava regulamentar e organizar os moradores da favela.

*“Aqui, duas assistentes sociais e quatro visitadoras prestavam serviços religiosos, jurídicos e educacionais, além de oferecer recreação aos moradores da Praia do Pinto.”*<sup>27</sup>

O governo de Getúlio Vargas defendia a criação de um mercado interno, para aumentar o grau de independência do Brasil em relação aos países hegemônicos e, com isso, ele passa a dar mais atenção ao proletariado urbano. No governo populista de Vargas, as favelas são reconhecidas legalmente pela primeira vez, mas os instrumentos jurídicos que o fazem visam controlar a expansão e melhoria das favelas. No Código de Obras de 1937, o artigo 347 prevê

<sup>25</sup> Isaura Lengruber Poertugal. **Favela, problema administrativo**. Trabalho de conclusão de curso da Escola de Serviço Social da PUC-Rio, 1959. P.24.

<sup>26</sup> Fundação Leão XIII. **Morros e Favelas: Como Trabalha a Fundação Leão XIII. Notas e Relatório do Exercício de 1949**. P.44

<sup>27</sup> Bart Slob. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro**. Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latino Americanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000. P..63.

a eliminação das favelas, que seriam substituídas por núcleos de habitação, enquanto o artigo 349 proíbe a expansão das mesmas. Perpetua-se a visão da favela como doença social a ser erradicada e as tentativas de solução meramente administrativa para resolver o problema.

A administração de Henrique Dodsworth (1937–1945) é a primeira de no mínimo onze prefeituras que seguirão esta lógica, delineada no Estado Novo, caracterizada pelo corporativismo, pelo populismo e por um paternalismo controlador e arbitrário. Dodsworth entende seu trabalho na cidade como uma continuação das reformas de Pereira Passos, mas, dadas as novas proporções dos problemas que enfrentava, procedeu ao estudo sistemático das favelas. Este estudo foi conduzido pelo médico Victor Tavares de Moura, então diretor do Albergue da Boa-Vontade e chefe do Serviço Social do Rio. Tavares Moura atuou sob a orientação do Diretor do Departamento de Assistência Social da administração Dodsworth, Jesuíno Carlos de Albuquerque.

Tavares Moura, que também faz referência a Pereira Passos, estabelece uma comissão para estudar a saúde e o saneamento nas favelas, com base em um censo sistemático realizado em 14 favelas. Esse estudo produziu informações e permitiu conclusões inéditas que desdisseram muito dos mitos acerca da violência, desorganização social, relação familiar, e outros aspectos da vida nas favelas. Em termos visíveis, o maior legado da administração Dodsworth são os parques proletários, construídos para substituir os barracos insalubres de madeira, característicos das favelas. Nos parques, pequenas casas enfileiradas serviam como moradia provisória, mas não foi bem isso o que aconteceu, já que alguns duraram até a década de 1970.

O primeiro parque proletário, o N°1 da Gávea, tinha mercado, escola, clínica médica, creche, cantina para desempregados, cursos técnicos, posto de bombeiros e áreas de recreação. Os moradores eram controlados ao ponto de portarem uma carteira de identificação, e o portão era fechado às 22 horas. Havia a prática de um *chá das nove*, quando o administrador falava, através de um microfone, sobre eventos, cotidiano e sobre a moral aos moradores. Os parques proletários, criações do Estado Novo, reuniam os principais elementos

importantes para Vargas: consciência governamental, retórica corporativista, controles administrativos e reverência ao "*Pai Gegê*"<sup>28</sup> ou "*Pai dos pobres*". Depois que Vargas deixa o poder em 1945, os parques passam a ser pano de fundo da descontinuidade das políticas relativas às favelas entre as administrações individuais.

A redemocratização a partir da administração de Eurico Gaspar Dutra dissolveu os rígidos controles políticos dentro dos parques proletários e deu lugar a políticos que vão buscar eleitores e seguidores dentro deles, o que marcou o início de um relacionamento regido por interesses eleitorais que se perpetua, ainda que com novas formas, até os dias atuais.

A posse do Presidente General Eurico Gaspar Dutra significou uma grande descontinuidade nas políticas públicas relativas às favelas do Distrito Federal. A maioria dos programas iniciados pelo Prefeito Dodsworth foi negligenciada ou interrompida, sem que fosse introduzido nada de novo no lugar.

As administrações posteriores se caracterizaram pela descontinuidade nas iniciativas e pela falta de comunicação entre membros de uma única administração. Era comum a desorientação na solução do problema habitacional, o que punha de manifesto a falta de planejamento e de comunicação entre os administradores e gestores municipais que implementavam ações descoordenadas, isoladas, com pouca preocupação com possíveis conseqüências e sem relação com outros aspectos das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da cidade.

Em 1947 e 1948 foi realizado um censo nas favelas, em resposta à necessidade de saber exatamente quem eram os moradores das favelas. O plano original do então prefeito para extinguir as favelas incluía o retorno dos moradores a seus estados de origem, e a submissão dos que tivessem mais de 60 anos à tutela de instituições públicas. O plano dava preferência, no que diz respeito à remoção de barracos, àqueles pertencentes a famílias com renda superior a um mínimo estipulado. Posteriormente, Mendes de Moraes afirmou que seu plano não teve sucesso por falta de apoio.

---

<sup>28</sup> Anthony Leeds e Elizabeth Leeds. **A Sociologia do Brasil Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978. P.197.

O retorno de Vargas por vias democráticas, embora não favorecesse especificamente o proletariado urbano, abriu canais para a articulação dos interesses dos moradores das favelas e dos trabalhadores em geral. Exemplo disso foi à tendência e estímulo a políticas desenvolvimentistas de cunho nacionalista, que eram benéficas às classes trabalhadoras.

O vínculo entre a favela e os agentes administrativos que tinham o poder de formular ou influenciar as políticas relativas à favela e tornar essa influência conhecida dos favelados permitia que os últimos formassem seu próprio ambiente propício às campanhas eleitorais, ao permitir a utilização de um *palanque* que opera informalmente antes mesmo de que fosse anunciada uma candidatura. Exemplo disso é a carreira política do administrador do Parque Proletário da Gávea à época.

Depois da construção de Brasília, o Rio de Janeiro se transformou no Estado da Guanabara, com cerca de 23 distritos administrativos, cada qual com um administrador que tinha certa autoridade para tratar das favelas em sua área. Muitos destes administradores se tornaram patrões das favelas, e passaram a cumprir funções como supervisionar as eleições e resolver disputas entre moradores.

Para as favelas politicamente mais desenvolvidas e organizadas, a relação com políticos e administradores também poderia ser vantajosa. As vantagens calculadas pelas partes eram a possível eliminação da ameaça de remoção para a favela e a negociação de futuro apoio eleitoral para o administrador.

Durante o governo de Kubitschek, Geraldo Moreira, Secretário de Agricultura na primeira administração de Negrão de Lima (1956–1957), depois vereador no Distrito Federal, e ainda mais tarde deputado estadual na legislatura da Guanabara, foi um dos mais bem falados políticos nas favelas da Zona Norte do Rio, por ter realizado as promessas de sua campanha eleitoral, e por ter declarado acreditar mais na capacidade dos próprios moradores das favelas para solucionar seus problemas e utilizar recursos públicos do que nos agentes governamentais. Durante esse período houve uma expansão do voto proletário urbano, em parte devido à alfabetização ampliada, à melhoria no sistema eleitoral,

à abertura de canais para a participação política relativa das massas urbanas, e à sua participação através do trabalho e consumo no grande surto econômico nacionalista.

A nomeação do prefeito do Distrito Federal implicava sua vinculação ideológica e política ao governo federal. Francisco Negrão de Lima, nomeado por Kubitschek para sua primeira administração nas políticas destinadas a essa população.

Em primeiro lugar, essas políticas não se limitaram às favelas, mas também alcançaram as áreas pobres menos visíveis, e geralmente muito piores, e as áreas decadentes da cidade legalmente constituída. Em segundo lugar, buscaram coordenar vários órgãos municipais para reduzir o paralelismo de esforços e falta de comunicação. Foram unificados o Departamento de Higiene, a Fundação da Casa Popular, a Polícia de Vigilância, o Departamento Sanitário e a Fundação Leão XIII. Em terceiro lugar, essas políticas pareciam buscar respeitar a dignidade dos favelados, ao possibilitar que estes participassem das iniciativas e nelas trabalhassem espontaneamente.

O SERFHA exigia a criação de cooperativas de habitação para moradores de favelas, a produção de materiais de construção que ajudariam a reduzir os custos habitacionais e o estabelecimento de escolas profissionais para qualificar aqueles que as quisessem cursar. O SERFHA só teve eficácia depois que o Rio de Janeiro se tornou o Estado da Guanabara e lhe foram repassados recursos. Nesta época, o SERFHA se tornou parte da Coordenação de Serviços Sociais do Estado, e foi chefiado por João Arthur Rios. Um dos seus primeiros objetivos era capacitar o morador, para que esse ganhasse autonomia para tratar com as autoridades estatais, em vez de depender de favores de políticos. E foi esse objetivo que acabou com a SERFHA.

A Operação Mutirão refletia o tema e o apelo do SERFHA – cooperação entre o órgão e a favela. As favelas estavam organizadas em associações cujos representantes se encontrassem regularmente com a equipe do órgão, que, por sua vez, dava orientação quanto à organização, informações legais, assistência financeira, social e outras ajudas técnicas.

Assim, foram organizadas associações em 75 favelas, cada uma com seu acordo com o órgão. Em 1961, ano de maior atividade da SERFHA, que viria a ser extinta em 1962, Rios e sua equipe mantiveram encontros semanais com os representantes das Associações para ajudar a articular a urbanização que os próprios moradores já implementavam, dar assistência técnica na instalação de luz, água, esgoto, pavimentação, etc., e alocar recursos quando possível.

Em maio de 1962, Rios foi abruptamente demitido por Lacerda, então Governador da Guanabara, o que sugeria a inclinação elitista dos políticos da Guanabara e marcava o fim de um diálogo relativamente aberto entre a favela e o governo. Não era do interesse dos políticos, que usavam as favelas como "curral eleitoral" que se quebrassem os modos tradicionais de controle das massas urbanas pelas elites, que as tratavam como dependentes, clientes e crianças. Nesta mesma época, a Fundação Leão XIII foi recriada.

Em 1962, o SERFHA foi desfeito, suas funções foram passadas para o Serviço Social das Favelas (SSF) e suas atividades para o Departamento de Recuperação de Favelas (DRF). O SSF autorizou a cada administrador regional tratar de suas próprias favelas, exceto no caso da presença da Fundação Leão XIII, que em 1962 era uma subordinada inoperante da COHAB e em 1964 um órgão semi-autônomo subordinado à Secretaria de Serviço Social.

A criação da COHAB, Companhia de Habitação Popular, inicia uma era de erradicação na política relativa às favelas, apesar de seus objetivos de construir, melhorar e urbanizar essas áreas. Há indícios que apontam no sentido de que a COHAB foi criada para arrecadar dinheiro pelo acordo do Fundo de Trigo entre os Estados Unidos e o Brasil, dinheiro isento de taxas, que entraria assim diretamente nos cofres da Guanabara.

A criação da COHAB pode ser vista como resposta à criação do Conselho Federal de Habitação no governo de João Goulart porque, formalmente, foi organizada pra fazer exatamente o que cabia a esse órgão no âmbito federal. Informalmente, a COHAB era um corpo independente sob o controle de Lacerda, que mantinha fortes laços com os acionistas que controlavam 49% da porção de

ações disponíveis para acionistas privados. Assim, a COHAB serviu de base organizacional para a oposição à política de Goulart.

O golpe militar em 1964, apesar de minar os planos de Lacerda para a Presidência, dá amplo apoio econômico e institucional à política de erradicação e cria imediatamente o Banco Nacional de Habitação (BNH), com Sandra Cavalcanti como sua primeira presidente, ela já fora secretária de Serviços Sociais do governo de Carlos Lacerda.

A orientação do BNH seguia a escola monetarista do Ministro da Fazenda Roberto Campos, que, com o IPEA e conselheiros americanos, sugeriu um esforço habitacional maciço como forma de dar impulso à economia e que foi instrumento da criação do banco. Os monetaristas se afastavam de políticas institucionais como as de Kubitschek e Celso Furtado, e preferiam buscar soluções fiscais.

Os argumentos do BNH partiam da premissa de que, com grandes somas de dinheiro, como as provenientes de uma política fiscal de investimento, a habitação iria gerar novos empregos; elevar os níveis de qualificação da mão-de-obra e a produtividade; estimular a indústria nacional - especialmente a do aço e, finalmente, reanimar o mercado de capitais que, até 1964, estava em depressão.

Pouca reflexão e pesquisa foram dedicadas ao embrião de solução para o problema das favelas construído pela COHAB, o conjunto habitacional, nem à capacidade de pagar pela moradia por parte dos moradores de favelas, que era e ainda é concebida como uma simples função percentual da renda familiar, e não como uma complexa política de alocação de verbas a longo prazo, sustentada pela família. Os interesses imediatamente ligados a essas políticas da COHAB eram os da indústria da construção e dos mercados de capital.

Além disso, não houve reflexão sobre a remoção das famílias faveladas para enclaves proletários isolados Cidade de Deus, Vila Kennedy, ou outros locais, que criavam forte pressão econômica sobre as famílias e fortes pressões sociais devido ao tempo de transporte necessário para chegar ao trabalho, acrescido pelos inconvenientes de um transporte público de baixa qualidade. Muitas famílias se desfizeram por conta disso, na medida em que os homens

ficavam na cidade durante a semana, estabeleciam uma residência secundária em outras favelas, e lá criavam novas famílias.

Apesar de algumas tentativas de urbanização em 1965, as realizações mais notáveis da COHAB são as remoções e a recomodação dessas pessoas nos recém construídos conjuntos das vilas Kennedy, Aliança, Esperança e Cidade de Deus. Uma das primeiras favelas a ser removida foi a do Morro do Pasmado, localizada em área turística com excelente vista da Baía de Guanabara. Rumores e um Relatório Geral da COHAB de 1966 indicam que ali se pretendia construir um Hotel Hilton.

Assim como a COHAB e o BNH, as atividades da Fundação Leão XIII na década de 60 e de suas subsidiárias como o BEMDOC também são ilustrativas desta era de erradicação, controle e repressão. Lacerda chegou ao poder com o múltiplo apoio da ala direita da igreja católica e dos interesses corporativos de grandes negócios privados, por um lado, e populistas por outro, o que justifica a presença no discurso de Lacerda de reforma administrativa e maiores benefícios para o povo.

A segunda gestão Negrão de Lima e seus esforços de auto afirmação da população favelada são caracterizados pela reconcentração do controle sobre as administrações regionais, e pela retomada da atribuição às repartições públicas centrais do Governo do Estado de tarefas que haviam sido transferidas às repartições regionais por Lacerda. Em 1967, estabelecida sua linha de comando e reorganizadas as suas atividades, Negrão volta a descentralizar as funções de governo em relação à população favelada.

O papel desempenhado pela Secretaria de Serviço Social (SSS) foi uma tentativa de vigiar a atividade política nas favelas, que era realizada pelas suas subdivisões semi autônomas regionais de bem-estar social. Estas agências deveriam ajudar a organizar as associações de moradores, supervisionar suas eleições, aprovar seus estatutos, aprovar reparos nas construções, e encarregar-se de outras questões gerais da vida nas favelas. Por outro lado, as associações deveriam fazer levantamentos cadastrais nas favelas, controlar os reparos nos barracos, prevenir novas construções, e organizar a vida comunitária.

Assim, o Estado só reconhecia uma associação como representante oficial de uma favela, e exigia que esta contasse com o apoio de mais da metade da população. Apesar de ineficiente e inconsistente, o Estado tinha mecanismos de controle direto sobre as associações, podendo designar uma junta de sua própria escolha para atuar em uma favela, caso achasse que associação legítima estivesse de má-fé.

A ameaça e a possibilidade de remoção e realocação forçada e em massa, ao longo das décadas de '60 e '70, que era contrária ao desejo dos moradores, acabou por dar origem a um movimento que criou a Federação das Associações das Favelas da Guanabara (FAFEG).

As remoções, sempre contrárias aos desejos dos moradores e algumas vezes forçadas pela ação policial, pela ação dos tratores, pelo fogo, por ameaças de não pagar indenizações pelas casas destruídas, acabaram por causar uma profunda desestruturação e desequilíbrio, além do declínio de renda, desconcertantes altas nos custos de amortização e transportes.. Os altos custos das moradias construídas, junto com o declínio da renda da população pobre, leva à impossibilidade de pagar pelas casas construídas para eles, levando-os ao despejo ou ao endividamento, que muitas vezes contribuíram para a formação de novas favelas.

Se no início de suas atividades a FAFEG centrou sua atuação em temas locais e práticos de urbanização, prestação de serviços públicos e apoio financeiro, em 1968 essa entidade já discutia assuntos como a inflação, as falácias das políticas habitacionais, seus direitos como contribuintes e atores da economia nacional, nível salarial e a imagem de *coitadinhos* que o governo impunha aos favelados.

Quando tentaram impedir a remoção da favela da Ilha das Dragas, perto de clube um clube freqüentado pela elite na Lagoa Rodrigo de Freitas, os diretores da FAFEG foram presos e soltos dias depois por pressão da ala mais liberal da igreja católica, e as atividades da Federação cessaram então. Em 1964, já haviam enfrentado policiais armados quando tentaram impedir a expulsão do Morro do Pasmado pela COHAB.

A anulação da FAFEG, as remoções forçadas, entre outras intervenções descritas, aceleraram o processo de eliminação dos meios de diálogo entre a favela e os diferentes níveis administrativos do Estado. A comunicação tornou-se unilateral, e de cima para baixo.

O desrespeito pela vontade da população afetada, com a pretensão de erradicar as comunidades e as suas formas de vida, sem sequer considerar seriamente alternativas, na relação entre o governo e a favela é análogo àquele que presidia a relação do governo e algumas minorias, como por exemplo as populações indígenas.

As oscilações de políticas públicas em relação à população favelada, no entanto, significavam ora repressões mais explícitas, ora, e no máximo, uma abertura superficial de possibilidade de diálogo entre a favela e o Estado. O forte elemento de controle e manipulação que se manteve constante em todos os governos é sustentado por, no mínimo, três razões: táticas políticas e eleitorais e respondem à noção de que as populações faveladas representavam ameaça à ordem política estabelecida; à manutenção das fronteiras de classe por parte dos que têm acesso ao governo em todas as suas esferas.

Foram poucas e foram sistematicamente reprimidas as tentativas feitas, em 30 anos, para garantir um grau de liberdade ou responsabilidade para os moradores de favelas que convivem com o simples abandono, com a repressão ou com a falta de continuidade das políticas empreendidas por parte do poder público.

“(...) *Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fofidos e mal pagos: Que não são, embora sejam. Que não falam idiomas, falam dialetos. Que não praticam religiões, praticam superstições. Que não fazem arte, fazem artesanato. Que não são seres humanos, são recursos humanos. Que não tem cultura, tem folclore. Que não tem cara, tem braços. Que não tem nome, tem números. Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local. Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.*”  
 Eduardo Galeano. *Os Ninguéns*. IN: *O Livro dos Abraços*. 2002.

“- *Nós não somos nada nesta vida.*”

Lima Barreto. *Clara dos Anjos*. 1922.

## **Capítulo 2 – A Praia do Pinto e o Parque Proletário da Gávea: Favelas que fizeram parte da paisagem da Zona Sul carioca**

Os dois trechos citados em epígrafe, ainda que 80 anos separe sua publicação, dão pistas de como a sociedade vê e trata os moradores das favelas ou subúrbios, ou pelo menos grande parte da sociedade o faz, e, sobretudo de como os pobres se sentem vistos e tratados. Os ninguéns, os nada a que Eduardo Galeano e Lima Barreto se referem, não têm direito a serem tratados com dignidade, não têm direito a escolher onde vão morar, pois são removidos de suas casas sem ao menos serem consultados, sem negociação e por vezes com o uso de violência.

Nos dias atuais, quem passa pelas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas ou pelo bairro da Gávea não imaginam que ali já foi o local onde a pobreza dividia o espaço com tanta beleza e expunha para a sociedade carioca a face da miséria e da desigualdade do nosso país. Da mesma forma, grande parte das pessoas que estudam ou trabalham na PUC-Rio, não tem a menor idéia de que, onde atualmente se encontra o estacionamento, já foi o local onde foi construída umas das tentativas de solucionar o problema das favelas no Rio de Janeiro.

A Lagoa, a Gávea e os bairros que as circundam fazem parte de uma das áreas mais nobres do Rio de Janeiro. São os bairros onde a elite carioca se

estabeleceu, principalmente, a partir dos anos de 1950. Antes, esta área não era tão valorizada, pelo menos, até a década de 1930, quando é lançado o plano Agache. Até então, as áreas mais valorizadas eram as que ficavam mais perto do centro do Rio de Janeiro.

Antes de ser tão valorizado, o bairro da Lagoa já foi cercado por favelas, de acordo com os dados de 1969 da Secretaria Jornalística de Imagem, no bairro da Lagoa já existiram cerca de 26 favelas, com um total de 85.518 moradores<sup>29</sup>. Dentre estas favelas destaco a que foi considerada a maior delas neste período, a favela da Praia do Pinto, para fazer uma análise das fotografias encontradas em diversos acervos e entender como o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro e a política de remoções de favelas como forma de solucionar, pela via da exclusão radical, os problemas habitacionais, urbanísticos e de saúde pública da cidade. Esse processo de remoções foi também uma tentativa de apagar da memória da cidade as favelas e seus moradores, *os ninguéns*, que são testemunhas e evidência da grande disparidade da sociedade brasileira e que não tem como se defender das manobras governamentais, ou pelo menos era o que deles se pensava.

Contudo, essas remoções deixaram cicatrizes profundas, mesmo que invisíveis para muitos, na memória do Rio de Janeiro, assim como as lutas desses moradores pelos seus direitos. A Lagoa Rodrigo de Freitas também era muito diferente do que é hoje, o seu formato tão conhecido era outro, e a área ocupada primitivamente pelo espelho d'água era quase o dobro daquela que é hoje. Com o tempo, seu tamanho e formato foram mudados pelos inúmeros aterramentos que sofreu. Além disso, os moradores de suas margens eram outros.

Da mesma forma, o bairro da Gávea vai ao longo dos tempos se transformar de um arrabalde distante em que apenas havia algumas chácaras em bairro operário e industrial para transformar-se no que é hoje um bairro de classe média e alta. Uma particularidade deste bairro é que desde o início o contraste entre as classes sociais era visível, pois no bairro da Gávea havia várias propriedades da aristocracia carioca.

---

<sup>29</sup> Agencia Jornalística Imagem. **RIO: operação favela**. Rio de Janeiro: Agencia Jornalística Imagem, 1969. P. 25.

*“As grandes mudanças sofridas a partir de 1950 transformaram as feições do bairro após a expulsão das indústrias e a população operária, substituída pelas classes média e alta e pela ocupação da PUC, do Shopping da Gávea, da Clínica São Vicente.”<sup>30</sup>”*

Em 1942 é inaugurado o Parque Proletário da I ou, como é mais conhecido, Parque Proletário da Gávea que representa, junto com outros Parques Proletários da mesma época, uma das tentativas para solucionar o problema das favelas no Rio de Janeiro. Este conjunto habitacional viu de perto a instalação da PUC-Rio, e compartilhou com a Universidade parte de sua história, mesmo que por um breve espaço de tempo. Sua localização fazia parte do cenário que compunha o campus neste momento. Demolido nos anos de 1970, o terreno foi doado para a PUC-Rio, e nele foram construídos o atual estacionamento, o novo Ginásio, o Instituto Gênesis e, mais recentemente o prédio ainda não inaugurado do Núcleo de Competência em Petróleo.

Redefinidos no tecido urbano da cidade, nos terrenos que um dia abrigaram a favela da Praia do Pinto e o Parque Proletário da Gávea enraízam-se memórias e histórias que a cidade procurou, física e simbolicamente, esquecer e apagar.

## **2.2 – As Fotografias como fonte histórica**

A fotografia foi inventada em 1830, uma mistura de engenho e técnica, muitas vezes vista como magia, aquela misteriosa arte de capturar um instante da realidade sempre fascinou os que dela se aproximam como usuários ou como estudiosos. Ao longo de sua história, a fotografia foi marcada pelas polêmicas ligadas aos seus usos e funções. No século XIX, sua difusão provocou um grande alvoroço no meio artístico, que via o papel da arte ofuscado pela fotografia, cuja plena capacidade de reproduzir o real, através de uma qualidade técnica irrepreensível, parecia deixar em segundo plano qualquer tipo de pintura.

O caráter de prova irrefutável do que realmente aconteceu, atribuído à imagem fotográfica pelo pensamento da época, transformou-a em um duplo da

---

<sup>30</sup> Miria Roseira Maleque. De Bairro Proletário à Elegância da Gávea. IN: Evelyn Furquim Werneck Lima e Miria Roseira Maleque (orgs.) **Espaço e Cidade: Conceito e Leituras**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2004. P.107.

realidade, um espelho cuja magia estava em eternizar a imagem que refletia. Para muitos artistas e intelectuais, a fotografia libertou a arte da necessidade de ser uma cópia fiel do real, garantindo para ela um novo espaço de criatividade, como o proposto por Baudelaire no seu artigo *'O público moderno e a fotografia'*<sup>31</sup>, onde ele define funções diversas para a arte e a fotografia, ao atribuir à primeira um lugar definido pela imaginação, a criatividade e a sensibilidade humana, própria à essência da alma, enquanto à segunda reserva o papel de instrumento de uma memória documental da realidade.

As fotografias são de grande destaque para a história, pois elas têm o poder de emocionar e remeter o espírito de quem as vê a sentimentos diferentes como alega a historiadora Ana Maria Mauad, *"A simples menção da foto já nos remete aos fatos e aos seus resultados"*<sup>32</sup>. Porém as fotografias são muito mais do que um simples ato automático e estabelecem relações complexas entre quem as vê e quem as produz, já que são fruto de uma série de seleções, começando pela seleção do fotógrafo que decide o que vai e o que não vai ser retratado por ele e a seleção operada pelo tempo e a ação dos homens, que conservam algumas delas e descartam, voluntaria ou involuntariamente, outras. O clic da máquina fotográfica permite uma leitura da vida de outros tempos, sem deixar de lado a subjetividade existente no processo fotográfico.

Os registros fotográficos das remoções de favelas são testemunhos preciosos, que nos permitem compreender parte da relação da favela com a cidade e o inverso desta relação.

Através da fotografia vemos parte da realidade, já que todas as fotografias analisadas nesta pesquisa da favela da Praia do Pinto e a maioria das do Parque Proletário da Gávea são produzidas por agências governamentais ou pela imprensa, não há, ou pelo menos durante o tempo desta pesquisa não foi possível encontrá-los, registros feito pelos próprios moradores. Outro detalhe que não pode passar despercebido é que a maioria das fotografias é feita do alto e de fora das

---

<sup>31</sup> Charles Baudelaire, 1859. [Tradução e comentários: Ronaldo Entler, 2007]. **O público moderno e a fotografia**. Carta ao Sr. Diretor da Revue française sobre o Salão de 1859 [20/06/1859]. Disponível em <http://www.entler.com.br/textos/ baudelaire2.html>.

<sup>32</sup> Ana Maria Mauad. "Através da imagem: fotografia e história interfaces". Rio de Janeiro: Revista Tempo, vol. 1, nº. 2.

favelas, dando a entender que a favela vista de cima é semelhante a uma ferida aberta na *urbs* da cidade. A favela é esteticamente incompatível com a modernidade almejada, é o lado esquecido pelas políticas de urbanização, deve ser removida. O que se esquece são os moradores destas favelas, que constroem a modernidade da cidade.

A fotografia também pode se entendida como um documento/monumento já que, conforme a historiadora Ana Maria Mauad, parafraseando Jacques Le Goff; “(...) *há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/ monumento.*”<sup>33</sup> Desta forma, a imagem tanto é uma marca do passado, quanto um símbolo do que foi escolhido para ser retratado e guardado para a sociedade no futuro. Um exemplo desta afirmação são as fotografias a serem analisadas a seguir, pois elas tanto são o registro documental desse passado, como também é a marca deste passado no qual as remoções das favelas eram muito mais explícitas do que atualmente, e eram usadas de forma a tentar excluir o morador das favelas da Zona Sul Carioca.

Para o historiador, o trabalho com a fotografia apresenta algumas especificidades. Primeiramente, é importante, como em relação a qualquer documento, não tomar a fotografia como representação fiel da realidade, já que nela está sempre presente a subjetividade do fotógrafo e a seleção que ele opera do que fotografar e como fotografar. Depois é preciso ultrapassar a superfície da foto e não se prender ao que a foto dá mais destaque e sim fazer uma análise mais profunda, uma descrição densa na perspectiva proposta por Geertz, para quem em uma descrição densa é preciso *distinguir um tique nervoso de uma imitação*<sup>34</sup>. Desta forma o historiador se aproxima do antropólogo e do detetive ao buscar nos pequenos detalhes observados os múltiplos significados de um fato na rede de relações culturais em que se encontram os agentes sociais. A fotografia proporciona uma abordagem que pressupõe a interdisciplinaridade, o que ajuda ao

---

<sup>33</sup> Ana Maria Mauad. “Através da imagem: fotografia e história interfaces”. Rio de Janeiro: Revista Tempo, vol. 1, n.º. 2.

<sup>34</sup> Clifford Geertz. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. P. 05.

historiador a interpretar os signos da sociedade retratada e a seguir as mínimas pistas deixadas para ele nestes registros.

Em primeiro lugar, a amostragem confirma que as fotografias constituem um suporte documental que o historiador deve saber trabalhar, já que a partir de sua leitura são possíveis diversas interpretações sobre o que elas aparentemente registram com objetividade. O olhar do fotógrafo, a seleção dos registros fotográficos operada pelo tempo ou pela vontade dos que se encarregam de guardar as fotografias, a presença ou a ausência de anotações que permitam, hoje, uma análise informada desses registros, são elementos relevantes para sua leitura e interpretação.

O trabalho com as fotografias aproxima a pesquisa do historiador à investigação de um detetive no seguimento da mínima pista coletada na foto que pode ser, por exemplo, uma pessoa presente que possa ser examinada, ou um objeto identificado, a ser usado para obter mais informações que permitam contextualizar a foto e, o que é muito rico, uma versão do vivido. Esse trabalho de detetive é constantemente realizado pelos pesquisadores que trabalham com fotografia conscientes da importância de seu empenho, hoje, para as gerações que virão.

Nesta perspectiva o objetivo principal deste trabalho é realizar uma reflexão sobre o conjunto de fotografias da favela da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea e verificar a trajetória dessas favelas até o momento de suas remoções, com principal atenção para dois momentos especiais: o crescimento da cidade ao redor da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea e o momento da remoção das duas favelas. Esse estudo é fundamental para auxiliar a consolidação da memória das favelas do Rio de Janeiro, uma vez que este tem como um objetivo entender como esse processo de remoção é lembrado hoje em dia.

### 2.3 – A Praia do Pinto e o Parque Proletário da Gávea

A favela da Praia do Pinto e o Parque Proletário da Gávea fazem parte da memória de um Rio de Janeiro de outros tempos, elas compunham a paisagem dos bairros da Gávea e da Lagoa. A Praia do Pinto fazia parte de um conjunto de três favelas, que ficavam Às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Eram elas a Ilha das Dragas, onde atualmente se localiza o Clube Esportivo Piraguê, a favela do Largo da Memória, que se localizava onde atualmente se encontra o 23º batalhão de Polícia Militar e, finalmente, a maior delas a favela da Praia do Pinto, localizada onde, atualmente, ficam o conjunto habitacional Cruzada de São Sebastião, o shopping Leblon e o conjunto Selva de Pedra.

O Parque Proletário da Gávea foi construído em 1942, juntamente com outros conjuntos semelhantes, como uma tentativa de assentar operários em condições menos precárias nas proximidades de estabelecimentos fabris. Esse foi o primeiro de uma série de três parques proletários, sendo que o segundo foi construídos no Leblon, ao lado da favela da Praia do Pinto e o terceiro no bairro do Caju. Entre 1942 e 1943 estes conjuntos habitacionais receberam juntos cerca de 5 mil pessoas removidas de favelas. Os Parques Proletários fazem parte de um plano urbanístico e higiênico de autoria do médico e diretor do Albergue da Boa Vontade, Henrique Tavares de Moura. Conforme este plano, os Parques abrigariam 300.000 pessoas, erradicando assim as favelas, que desde então preocupavam a administração pública. O controle dentro dos Parques Proletário era bem rígido.

*“No primeiro parque construído, o Parque Proletário da Gávea, a autoridade era absoluta. Todos os moradores tinham cartão de identificação e eram obrigados a mostrá-lo ao guarda noturno encarregado de fechar os portões às 22 horas. Uma hora antes, o administrador do parque falava por alto-falante, interpretando os eventos do dia, aproveitando a ocasião para pregar lições de normas e valores que ele julgasse necessários.”<sup>35</sup>*

Os Parques Proletários também serviram como uma boa propaganda política para o governo de Getúlio Vargas. Devido ao plano do médico Henrique

---

<sup>35</sup> Bart Slob. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro**. Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latino americanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000. P. 20.

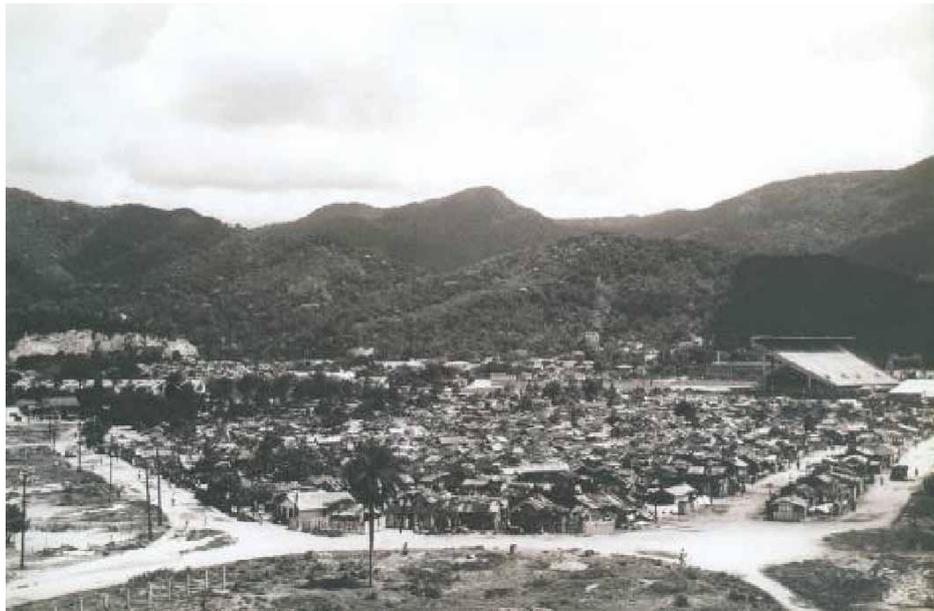
Tavares de Moura a visão sobre as favelas também muda, pois se a favela era vista apenas como um problema de higiene, passou a ser vista também como um problema moral, uma vez que a indigência material era associada à indigência moral os pobres eram culpabilizados pela sua pobreza. Para ser aceito como morador de um Parque Proletário a pessoa devia apresentar atestado de bons antecedentes e participar de lições de moral. Bart Slob, parafraseando o médico Henrique Tavares Moura, sobre os males causados pelas favelas assinalou que:

*“(...) as favelas criaram um ambiente propício a todos os males do corpo e da alma, com graves consequências para o individual e a coletividade. Os favelados apresentariam características de comportamento ‘anormais’, as quais constituíam sintomas ou expressões de desequilíbrios e doença. E o motivo dos males que os favelados padeciam era justamente a favela.”<sup>36</sup>*

Para o Parque Proletário da Gávea foram transferidas as famílias oriundas das remoções das favelas do Largo da Memória e a outra parte eram moradores da favela da Praia do Pinto, em uma das primeiras tentativas de remove-la das margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Outro aspecto importante do Parque Proletário da Gávea foi o processo sofrido por ele ao longo dos anos de favelização, pois devido a uma política que não dá continuidade aos projetos da administração anterior, os investimentos feitos foram deixados de lado e, sem a ajuda do governo, o local deteriorou-se com o tempo e transformou-se em uma favela, o que levou a sua remoção na década de 1970.

---

<sup>36</sup> Bart Slob. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro**. Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latino americanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000. P. 21.



Favela da Praia do Pinto, 1938. Acervo Gilberto Paixão disponível no Núcleo de Memória da PUC-Rio.

A história da Praia do Pinto começa um pouco antes daquela do Parque Proletário da Gávea, em um dos momentos de urbanização pelo qual a cidade passou. A primeira imagem aqui reproduzida é da favela na década de 30, em fotografia pertence ao acervo do engenheiro Gilberto Paixão.

Nessa imagem é possível perceber um aspecto ainda rural, não só da favela da Praia do Pinto, como também da própria área que a circunda na cidade do Rio de Janeiro. Segundo o censo realizado em 1948 e dados da Fundação Leão XIII,<sup>37</sup> nela viviam 7.142 habitantes. O surgimento desta favela ocorreu principalmente com o início da construção do canal do Jardim de Alá, a partir da década de 1930, e com a ampliação da linha de bondes da cidade do Rio de Janeiro em direção à freguesia da Gávea<sup>38</sup>. Seu crescimento está relacionado à valorização imobiliária das áreas adjacentes à Lagoa Rodrigo de Freitas, que aumentou a oferta de empregos no setor de serviços e construção civil.

---

<sup>37</sup> Fundação Leão X. Morros e Favelas: Como Trabalha a Fundação Leão X, Notas e Relatórios do Exercício de 1949. Rio de Janeiro, 1950. P.21.

<sup>38</sup> Maurício de Almeida Abreu. **A evolução urbana no Rio de Janeiro**. 2ªed. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ Zahar Editora, 1988. P.505

Seus moradores, para ficarem mais próximos aos seus locais de trabalho, lá se estabeleceram e fizeram crescer cada vez mais a favela. O contínuo processo de valorização imobiliária na área vai evidenciar os conflitos de interesses entre a favela e os bairros que a cercavam, onde uma população de alto poder aquisitivo se estabeleceu.

No entanto, a imagem mostra uma favela ainda cercada pelo verde, com um ar melancólico e rural, e mostra ao fundo o maciço da Tijuca. As casinhas de madeira ou, como são mais conhecidos, os barracos construídos com os restos das construções nas quais seus moradores trabalhavam. A imagem revela onde, possivelmente, grande parte dos moradores da Praia do Pinto trabalharam. Ao fundo a direita vemos a arquibancada do atual estádio do Flamengo. Mais ao fundo é possível ver o início da construção do Jockey Clube. Essas duas construções, além da construção do canal do Jardim de Alá contribuíram significativamente para o grande crescimento das favelas da Lagoa Rodrigo de Freitas.

É possível notar o início dos arruamentos que mais tarde serão a avenida Bartolomeu Mitre, à esquerda da imagem e, no canto direito, a Eptácio Pessoa. Essas ruas também servem para delimitar o contorno da favela com se constituíssem um muro invisível. No interior da favela não há ruas, mas apenas emaranhado de becos.

A fotografia deixa entrever como era dura a vida dessas pessoas: os barracos são pequenos feitos madeira, com o teto de zinco e o chão de terra batida, ou seja, em um dia quente, o calor deveria ser insuportável, por causa do teto de zinco e nos dias chuvosos a lama da terra das ruelas invadia as casas. Nesse momento, as favelas careciam do mais elementar saneamento básico, que deveria ser providenciado pelo governo. E como a política utilizada para urbanizar essa população favelada era a de remoção, e não de urbanização da favela, não havia a implantação de redes de esgoto ou de água encanada. Devido a isso podemos imaginar como ficavam as casas nos dias de chuvas, perspectiva sublinhada pelo fato de que, mesmo nos dias atuais, quando chove muito, todo o entorno da Lagoa fica inundado.

*“24-7-59 (...) O barraco desta família, quando chove, enche totalmente, sendo preciso, para o trânsito interno, se reunirem de pequenas pontes, feitas de tábuas, de uma porta à outra do barraco.”<sup>39</sup>*

A primeira fotografia do Parque Proletário da Gávea já mostra sinais de abandono do governo, nesta imagem da década de 1950 a situação das casas traz as evidências dos dez anos de descaso, uma vez que essas moradias foram feitas para serem provisórias, enquanto as casas definitivas ficavam prontas, o que nunca aconteceu.

*“Entre 1941 e 1943, foram construídos três parques proletários ( na Gávea, no Leblon e no Caju) para onde se transferiu cerca de 4 mil pessoas, com promessa de que poderiam retornar para áreas próximas daquelas que viviam (...) ao contrário do prometido, os moradores acabaram permanecendo muito tempo nesses parques (...), deles saindo somente bem mais tarde, expulsos, quando da valorização imobiliária dos respectivos bairros, particularmente os dois primeiros.”<sup>40</sup>*



Pátio interno do Parque Proletário da Gávea c. 1950. Disponível no site Foi um Rio que passou na minha vida. Fotógrafo desconhecido.

<sup>39</sup> Anotação retirada de uma das fichas dos moradores da Praia do Pinto. Bart Slob. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro.** Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latino americanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000. P. 66.

<sup>40</sup> Alba Zaluar, Marcos Alvito, (Orgs.). **Um Século de Favela.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 28.

As casas do Parque em construídas de madeira, cobertas com telha e divididas em blocos parecidos com grandes galpões, não eram equipadas com cozinha, nem instalações sanitárias ou rede de esgoto, servidas somente por uma bica d'água. Mas os moradores tinham acesso a uma série de serviços gratuitos dentro do Parque, como cursos profissionalizantes, creche, posto médico e capela. Havia ainda banheiros e tanques coletivos para cada bloco de casas.

A imagem acima já mostra a precariedade das casas na década de 1950, e elas aparecem que estão prestes a cair. As pequenas vigas de madeira que as sustentam estão tortas, o que se confirma com o mau alinhamento das janelas e das tábuas das paredes. A imagem obtida é de baixa resolução, o que impede sua ampliação para apreciar maiores detalhes, porém no centro da imagem vemos duas meninas em seus vestidos simples, com um ar de curiosidade para a câmera fotográfica. Os pés descalços para as brincadeiras no chão de terra, já que as sandálias, certamente um único par, era guardado para as ocasiões especiais, como por exemplo, ir à missa aos domingos. No canto direito da fotografia, e também ao fundo, vemos um varal de roupas, e a composição da imagem apresenta um ar próximo aquele dos vilarejos do interior, e não é possível identificar no enquadramento feito nenhum indício da capital moderna que o Rio de Janeiro se vangloriava de ser naquele momento.

A próxima imagem pertence a um segundo momento, em que a cidade já crescera em torno às favelas da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea. A Lagoa perde o ar bucólico para alcançar os moldes tão desejados da modernidade.



Vista aérea da favela da Praia do Pinto, da Lagoa Rodrigo de Freitas e dos bairros do Leblon e Ipanema. c. 1960. Disponível no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Nesta segunda fotografia é possível verificar o crescimento dos bairros da Lagoa e do Leblon, e a favela da Praia do Pinto, que ocupa o centro da imagem e contrasta com o espelho d'água da Lagoa Rodrigo de Freitas aparece espremida diante da chegada dos novos vizinhos.

À esquerda da imagem, os barracões do Parque Proletário do Leblon que, tal como seu homônimo da Gávea, fazia parte de uma tentativa do governo de urbanizar e realocar esta favela. O Parque Proletário do Leblon foi construído ao lado da favela da Praia do Pinto, em uma área de onde uma parte da própria favela fora removida para esse fim e os moradores dos antigos barracos foram transferidos para as novas moradias. Outros moradores foram transferidos para o Parque Proletário da Gávea.

Segundo levantamento da Fundação Leão XIII, a Praia do Pinto era uma das favelas com os maiores problemas de organização e desordem, e os assistentes sociais o assinalam no censo de 1950, ao mesmo tempo em que revelam a origem da foto aérea que confere centralidade à favela.

*“Fez-se, em cada favela um levantamento topográfico completo, à base dos croquis desenhados em cada setor percorrido pelos locadores. Só na Praia do Pinto esse trabalho se tornou impraticável, tal a desordem e a dispersão com que foram erguidas as casas, sem qualquer espécie de arruamento. Neste caso, apenas uma solução foi possível, para que não ficasse sem controle a coleta censitária na Praia do Pinto: a utilização de fotografias aéreas, meio pelo qual a turma especial de recenseadores orientou ali o trabalho. Feito isso, passou-se ao recenseamento do conjunto atacando os setores por todos os lados e ao mesmo tempo”.*<sup>41</sup>

Segundo estes relatos o espaço dentro da favela ficava cada vez mais escasso, o que acabava por levar a alguns desentendimentos entre os moradores. Um dos principais problemas eram as fossas que por vezes transbordavam e faziam que as casas fossem invadidas pelos dejetos, o que gerava mau cheiro e a proliferação de ratos, baratas e doenças. Inúmeras casas eram construídas sobre palafitas para tentar proteger os moradores das enchentes, muito frequentes na estação das chuvas.

À direita e ao fundo é possível identificar o conjunto habitacional Cruzada de São Sebastião, inaugurado em 1955, um projeto de Dom Hélder Câmara que pretendia oferecer uma alternativa humana aos projetos que não levavam em conta o bem estar dos moradores de favelas, e a igreja Santos Anjos, que ainda existe. Essas duas edificações são marcas visíveis das cicatrizes deixadas pelas remoções das favelas ali existentes. Estes lugares assumem a feição de um lugar de memória, no sentido que tal conceito ganha na formulação do historiador Pierre Nora<sup>42</sup>, ou seja, no tríplice sentido de ser um lugar físico de construção da memória, um lugar cuja função é fazer memória e um lugar simbólico da própria memória da cidade do Rio de Janeiro, pois quem passa por lá sempre escuta alguma pessoa comentando que ali já foi uma favela.

Outra coisa que é possível observar é o formato da própria Lagoa, que hoje já se encontra diferente, com margens mais artificiais devido aos inúmeros aterros e ao assoreamento.

---

<sup>41</sup> Alberto Passos Guimarães. (1953), “As favelas do Distrito Federal”. Revista Brasileira de Estatística, 55, jul.-set.: 250-78.p.259

<sup>42</sup> Pierre Nora “Entre memória e história: a problemática dos lugares.” IN: **Revista Projeto História**. nº 10. História & Cultura. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós- Graduação em História, dezembro de 1993. P. 7 a 26.

Na próxima imagem, aparece o Parque Proletário da Gávea visto do alto, com a PUC-Rio ao fundo já em pleno funcionamento na década de 1960. O Parque Proletário assistiu de perto à construção e instalação da Universidade, foi um testemunho privilegiado do momento em que foram erguidos os seus pilotis, uma das principais marcas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Uma pergunta fica no ar, quantos de seus moradores participaram desse momento de construção da Universidade? Certamente, alguns participaram já que a maioria dos moradores das favelas trabalhavam na construção civil.

No canto superior direito observa-se parte da Rua Marquês de São Vicente, e é possível ver a ainda existente Escola Municipal Luiz Delfino. Inaugurado em 1873, é considerada a segunda edificação mais antiga do Rio de Janeiro destinada a uma escola pública. Foi tombada em 1990 pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural.



Vista aérea do Parque Proletário da Gávea, c. 1960, com a PUC-Rio ao fundo. Acervo do Jornal o Globo, disponível no Núcleo de Memória da PUC-Rio.

A fotografia mostra as casinhas da vila operária que fica hoje dentro do *campus* da PUC-Rio, onde atualmente funciona a vila dos diretórios e algumas instalações de departamentos, tais como, o Departamento de Ciências Sociais e o

laboratório de Engenharia Metalúrgica. Outro detalhe que permanece até os dias atuais é o bosque da universidade, uma de suas principais características, que cerca os edifício Cardeal Leme e o edifício da Amizade.

Durante o período em que suas histórias se cruzaram, muitos funcionários da PUC-Rio eram moradores do Parque Proletário, e a visão cotidiana do Parque influenciou alguns alunos da Universidade como, por exemplo, Lícia Valladares, socióloga e criadora do Urbandata-Brasil, um dos maiores bancos de dados sobre as favelas do Rio de Janeiro. Licia Valladares afirma em um livro de depoimentos publicado pelo CPDOC<sup>43</sup>, que quando era aluna da PUC-Rio, ficava olhando o Parque Proletário nos intervalos das aulas e que aos pouco foi se interessando por esta área de pesquisa, sendo hoje especialista sobre favelas no Brasil.

O Parque Proletário visto do alto não lembra mais em nada o da imagem anterior. O ar de interior deu lugar a um emaranhado de telhados e o que se vê é uma massa indistinta de construções precárias. Aos grandes galpões foram incorporados mais cômodos à medida que as famílias cresceram. Os grandes corredores a céu aberto que havia entre eles desapareceram por baixo das telhas. Sem muito espaço para brincar, as crianças atravessavam os muros da universidade para aproveitar o jardim, como contam alguns dos antigos moradores, ainda hoje funcionários da Universidade. Esse processo de aumento das casas é devido a 30 anos do descaso do governo com essas famílias, o projeto das casas definitivas nunca saíu do papel.

*"Quando cheguei no Parque era ainda bebê de colo. Cresci lá e minhas lembranças são as melhores possíveis. Não era bem uma favela, era muito bom até! As casas confortáveis, o pessoal unido, além de ter curso e escola para todo mundo, conta Elenice, que morou durante 36 anos no Parque da Gávea até ser transferida para a Cidade de Deus (na então isolada Zona Oeste), durante o plano de remoções de favelas do Governo Carlos Lacerda, no final dos anos 60."<sup>44</sup>*

---

<sup>43</sup> Américo Freire e Lúcia Lippe Oliveira. (ORGs). **Novas Memórias do urbanismo carioca**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.P. 155.

<sup>44</sup>Depoimento de Dona Elenice para site Favela tem Memória. Disponível em <http://www.favelatemmemoira.com.br/>.

O Parque Proletário da Gávea, segundo texto publicado na Revista Rio Estudos,<sup>45</sup> era o mais populoso dos três Parques Proletários existentes e contava com assistência pré-natal, berçário, creche, recreio infantil ou pré-escolar, escolas de alfabetização, oficinas, centro de cultura física, orientação profissional, auxílio de alimentação, orientação econômica por meio da Agência da Caixa Econômica e um grupo próprio de bombeiros voluntários.

A próxima imagem mostra a favela da Praia do Pinto totalmente cercada pela cidade que crescerá ao seu redor, e dá uma impressão sufocante de cidadela sitiada. Prédios cresceram por todos os lados, a vista das montanhas não pode mais ser apreciada pelas janelas dos barracos. O ar de cidade do interior deu lugar a uma cidade moderna e urbanizada, com o seu caos e barulhos típicos da modernidade, porém esta urbanização não cruzou o muro invisível que separa a cidade da favela. A favela ficou de fora dos planos de urbanização do Rio de Janeiro.



Favela da Praia do Pinto, c. 1960. Agência O Globo. Disponível no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

---

<sup>45</sup> Instituto Pereira Passos, Diretoria de Informações Geográficas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. **Favelas cariocas, um tema comum a Dodsworth e Lacerda**. IN: Coleção de Estudos da Cidade. Rio Estudos. nº 144, Rio de Janeiro: 2005.

A fotografia da década de 60 mostra ainda os barracos de madeira e teto de zinco, o emaranhado de becos e ruelas, aparentemente sem a presença do poder público na forma de saneamento básico. Os problemas como falta d'água e ausência de esgoto ainda são os mesmos que existiam no início da favela. Nas décadas de 1950 e 60 varias críticas a esses descasos com as favelas e com a cidade em geral são feitas em forma de marchinhas de carnaval.

*“Rio de Janeiro*

*Cidade que nos seduz*

*De dia falta água*

*De noite falta luz. (...)”<sup>46</sup>*

Esta imagem revela uma das marcas mais conhecidas do Rio de Janeiro, que é o contraste social, ao expor duas realidades tão distantes e tão próximas espacialmente. Quem passeia pelo Rio de Janeiro observa como as casas e condomínios mais luxuosos dividem espaços com as favelas. Um bom exemplo é o bairro de São Conrado, com um dos IPTU mais altos do Rio de Janeiro, que tem como vizinha mais ilustre a favela da Rocinha, que já foi considerada a maior favela da América Latina.

Essa foto mostra pistas de como se deu o crescimento da cidade em torno da favela, ou seja, um crescimento desigual, quase sem planejamento e que reproduz as diferenças sociais da cidade. A imagem, também apresenta sinais que a urbanização chegou e junto consigo trouxe novas concepções culturais, urbanísticas e estéticas, nas quais a favela não se enquadra. Um padrão arquitetônico modernista que contrasta e não deixa lugar para o padrão visto como desordem que é próprio de uma favela. Enquanto a cidade busca a estética perfeita e harmônica com a modernidade a favela é a representação do que é anti-estético, o feio e o que não foi planejado.

No centro da fotografia podemos observar um emaranhado de telhados sem indício de nenhuma separação por qualquer arruamento, já que os becos desaparecem entre as construções. Como a falta de espaço para novas construções

---

<sup>46</sup> Vítor Simon e Fernando Martins. Vagalume. Marchinha lançada em 1954 pelos Anjos do Inferno. <http://www.dicionariompb.com.br/victor-simon/dados-artisticos>.

ficou cada vez mais evidente, muitos moradores aumentavam suas casas e ocupavam parte dos becos, o que deixava os caminhos cada vez mais estreitos. Em alguns desses barracos moravam famílias com até dez pessoas, que por vezes tinham que se revezar para poderem dormir, ou seja, alguns dormiam de dia enquanto outros dormiam à noite. Com o tempo a falta de espaço vai gerar o fenômeno do crescimento vertical dos barracos, uma vez que, ainda que de forma precária os moradores faziam cômodos uns em cima dos outros conforme a família aumentava, ou mesmo com o fim de alugar para outros moradores.

Conforme a favela cresceu os problemas cresceram com ela. E um problema que gerava vários desentendimentos entre os moradores era o da demarcação de território, a definição do que pertencia a cada família. Bart Slob, em seu trabalho de conclusão de curso, fez um levantamento dos casos de desavenças entre vizinhos mediados pelos assistentes sociais na Praia do Pinto. Nestes relatos há vários exemplos de discussões sobre a invasão de um vizinho sobre o espaço de outro.

*“4-6-49 - Veio à Agência D. Josefina [Jovelina] reclamar de que seu vizinho do barraco 1359 tem uma fossa que formou um buraco para o lado do seu barraco, causando um terrível mau cheiro. Fomos até lá verificando que o tal buraco fica entre os dois barracos num beco sem saída e muito estreito. Neste beco D. Josefina guarda pedaços de madeira. Após uma pequena discussão entre as famílias 1º porque nenhuma queria tapar o buraco, 2º porque D. Josefina não queria retirar as madeiras, ficou resolvido que amadeira seria retirada e o Snr. Marcelino do barraco 1359 taparia o buraco e interditaria o beco com uma pequena cerca.”<sup>47</sup>*

Durante as décadas de 40, 50 e 60 do século XX, a Praia do Pinto foi alvo de vários incêndios de origens desconhecidas, mas que são considerados por muitos como criminosos e que levaram à remoção completa da favela, em 1969, após um incêndio de grandes proporções. Um flagrante da remoção final que pode ser visto na próxima imagem.

---

<sup>47</sup> Bart Slob. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro**. Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latino americanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000.p.67 e 68.



Remoção dos últimos moradores da favela da Praia do Pinto em 1969. Publicado no livro da Secretaria de Administração do Estado da Guanabara. Estado da Guanabara, 1969.

Essa imagem faz parte de um conjunto de fotografias, produzidas para serem publicadas em um livro da secretaria de jornalismo do governo do Estado da Guanabara. O livro registra o momento da remoção dos moradores, incluídas todas as atitudes tomadas para que essa remoção fosse realizada, da vacinação ao cadastramento de cada um dos moradores. O livro também traz um levantamento dos projetos realizados para resolver o problema das favelas do Rio de Janeiro.

Esse é um documento produzido com um fim específico, ou seja, seus autores tentaram mostrar a alegria dos moradores na hora da remoção. Porém foi esse conjunto de fotografias que forneceu alguns sinais de que esse sentimento de alegria não era compartilhado por todos os moradores. No detalhe da fotografia da remoção do Parque Proletário, a tristeza do momento da despedida, o que evidencia que o sentimento de alegria não era partilhado por todos.



Moradora se despedindo da antiga casa, c. 1970. Acervo do Arquivo Nacional PH\_FOT\_03536\_021, disponível no site do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

A imagem acima mostra o momento em que os últimos moradores carregam os caminhões com seus móveis. Ao fundo, a imagem da Pedra da Gávea e de alguns prédios que fazem parte do Alto Leblon. Dentro da favela, vê-se ainda algumas crianças brincando, enquanto os adultos carregam o caminhão.

O que chama mais atenção nesta imagem é que ela continua a trazer certo ar de cidade do interior, principalmente, nos limites da favela. O chão de terra, as crianças brincando aparentemente descalças, as árvores ao redor e as casinhas de madeiras continuam a lembrar uma cena rural. Nada mais restava da que um dia foi uma das maiores favelas do Rio de Janeiro, apenas poeira, cacos, restos de vidas que por ali passaram.

No canto inferior direito da fotografia, uma senhora, vestida com muita austeridade e simplicidade, assiste a tudo. Possivelmente, enquanto vê o caminhão ser carregado com os poucos móveis, em sua cabeça passaria um filme de todos os momentos bons e maus que passou ali. Os homens da imagem colocam no

caminhão uma cristaleira. O caminhão da prefeitura, já acostumado com tantas mudanças, talvez participe de mais algumas, pois é bem parecido com os caminhões que fazem a remoção do Parque Proletário da Gávea.

As imagens a seguir são da remoção do Parque Proletário da Gávea na década de 1970. Ao fundo é possível ver a Ala Cardeal Fringsdo Edifício da Amizade da PUC-Rio e, ao lado, parte da placa do Planetário que ainda estava em construção. Os caminhões usados para o transporte das mobílias dos moradores parecem os mesmos utilizados na remoção da Praia do Pinto. Mais uma vez os homens aparecem colocando os móveis nos caminhões. A preocupação em arrumá-los sobre o caminhão talvez se deva ao fato de que, além do valor material, esses móveis têm um valor simbólico: são os únicos bens dos moradores e carregam as memórias dos dias em que faziam parte do Parque Proletário.

A PUC-Rio, com os seus prédios tão imponentes aparece apenas como plano de fundo da história dessas pessoas, que perderam suas casas e, como meros marionetes, são jogados de um lado para o outro. Foram dadas cinco opções para os moradores escolherem para que local queriam ser transferidos: a Vila Aliança, a Vila Kennedy, Cordovil, a Cidade de Deus e Cascadura.



Detalhes da remoção do Parque Proletário da Gávea, c.1970. Acervo do Arquivo Nacional - PH\_FOT\_03536\_003/ PH\_FOT\_03536\_006, disponível no Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Na década de 1960, as políticas públicas em relação às favelas no Rio de Janeiro continua a ser a da remoção dos moradores, para retirá-los dos bairros mais valorizados da cidade e realocará-los em outros espaços da cidade, por vezes muito distantes dos locais de trabalho da população favelada, com o objetivo de apagar a favela da cartografia física e simbólica da Zona Sul carioca.

Vista como sinônimo de falta de higiene, criminalidade e maus hábitos, a favela é vista como a face feia da cidade que ninguém quer ver e que precisa ser eliminada, principalmente quando para os que moram tão perto dessa dura realidade. Com as remoções quebram-se laços de vizinhança e comunidade construídos em anos de convivência, isso porque nem todas as famílias foram transferidas para os mesmos locais.

A remoção é um ato onde a vontade de um predomina sobre a vontade do outro. A imagem de móveis e objetos transportados nos caminhões da prefeitura nas fotos das remoções da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea não deixa de ser uma representação simbólica, forte como aquela contida na palavra “remoção” oficialmente utilizada, da maneira como o poder público e a cidade lida com esses homens, mulheres e crianças. Eles não participaram das decisões que levaram às remoções e não foram consultados sobre se queriam ou não sair de suas casas. Os conjuntos habitacionais construídos pelo governo ficavam, em sua maioria, em bairros muito distantes do centro, onde por muitas vezes o transporte público ainda não havia chegado ou era precário e caro.

A remoção e realocação dos moradores vai gerar um movimento de volta ao centro, o que vai acarretar no surgimento de novas favelas e o super crescimento de outras. Licia Valladares estuda esse assunto em seu livro intitulado “Passa-se uma casa”, publicado em 1978. Segundo a autora, ao passar pelo conjunto habitacional Cidade de Deus, notou que várias casas tinham placas com os dizeres: *Passa-se uma casa*. Essas placas deram indícios para uma pesquisa que concluía que apesar das melhores condições dessas casas, as famílias para elas

removidas estavam muito longe de seus locais de trabalho, o que acarretaria em terem que gastar mais dinheiro com o transporte, e em alguns casos, levou à demissão de trabalhadores. Não poucas famílias removidas voltaram para as favelas que ainda resistiam na Zona Sul carioca.

*“Mais cedo ou mais tarde, o mutuário, levado pelas mais diversas contingências, tendia a deixar o conjunto (...). Fechava-se assim um círculo vicioso: da favela ao conjunto habitacional e de volta a favela (...).”<sup>48</sup>*

A observação sublinha e evidencia o movimento criado pelas remoções e as reações que lhe seguiram, e não deixa de sugerir a falta de preocupação em resolver o problema das favelas no Rio de Janeiro. Algumas soluções buscadas pelos moradores tornaram-se com o tempo em novos problemas como, por exemplo, o grande crescimento da favela da Rocinha.

---

<sup>48</sup> Licia do Prado Valladares. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. (CEDLA). p.17.

*Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver  
nem de tua manha nem de teu olhar.  
Medo de que sintas como sou culpado  
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.  
Custa ser irmão,  
custa abandonar nossos privilégios  
e traçar a planta  
da justa igualdade.  
Somos desiguais  
e queremos ser  
sempre desiguais.  
E queremos ser  
bonzinhos benévolos  
comedidamente  
sociologicamente  
mui bem comportados.  
Mas, favela, ciao,  
que este nosso papo  
está ficando tão desagradável.  
vês que perdi o tom e a empáfia do começo?"*  
Carlos Dummond de Andrade. **FAVELÁRIO NACIONAL** – 1984.

### **3 – A política habitacional do Rio de Janeiro**

O imaginário que se criou sobre as favelas cariocas é, também, um resultado da carência de políticas públicas. O crescimento de cada favela assim como o aumento de seu número, evidencia a falta de comprometimento do governo em tentar resolver de forma eficaz o problema de moradia no Rio de Janeiro. As políticas adotadas pelo governo carioca para tentar solucionar os problemas das favelas, apresentaram por fim, além do aumento do número de favelas, a transformação dos conjuntos habitacionais em novas favelas, pois ao se mudarem para estes conjuntos, os moradores carregaram consigo o estigma imposto pela sociedade. O caso mais evidente deste estigma são os dos moradores da Cruzada São Sebastião, localizada em um dos bairros mais nobres da cidade do Rio de Janeiro. Em entrevista para a Revista O Globo de setembro de 2010, Miguel, aluno bolsista do colégio São Paulo, afirma que tem algumas mães de seus colegas que não deixam seus filhos irem à Cruzada, por achá-la muito perigosa.

A violência existente nesses conjuntos é motivada, principalmente, pelo grande descaso dos governos que não se preocuparam desde o começo com a segurança dos moradores e deixaram assim um vácuo a ser ocupado por bandidos

e traficantes de drogas. Com o passar do tempo ficaram cada vez mais poderosos e transformaram os moradores em reféns desta violência.

A sociedade, ao tentar resolver o problema das favelas através de sua erradicação, empreendida a partir das remoções e realocação dos moradores em conjuntos habitacionais, por vezes muito distantes do centro da cidade e da Zona Sul carioca. Não há tentativas de resolver os problemas que levaram à existência das favelas, como por exemplo, a grande disparidade entre as classes sociais que compõem a sociedade brasileira. Além disso, a política de remoções não pensa nos problemas que acarretam para os moradores, pois uma das principais causas que trazem esses moradores de volta às favelas na Zona Sul carioca é a grande distancia entre as moradias construídas pelo governo e os locais de seus trabalhos. Outro motivo é a falta de manutenção desses conjuntos que se deterioram com o passar do tempo. A precariedade faz também com que os moradores busquem novas casas em outros locais.

Esse é o caso dos conjuntos habitacionais Cidade de Deus, Vila Aliança e Vila Kennedy, construídos entre as décadas de 1950 e 1960 para receber os moradores removidos de algumas favelas da Zona Sul carioca, tais como a favela da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea.

No caso da Cruzada São Sebastião que é uma iniciativa de Dom Helder Camara que, ao se preocupado com a vida e a história dos moradores da Praia do Pinto, fez questão que o conjunto habitacional fosse construído perto das antigas moradias para que moradores permanecessem próximos de seus locais de trabalho, assim como da escola de seus filhos. O que não impediu que os poderes públicos também negligenciassem seus moradores.

Em 2011 comemora-se 100 anos de políticas habitacionais no Rio de Janeiro. Desde maio de 1911, quando o então presidente Marechal Hermes (1910-1914) implantou Vila Operária de Marechal Hermes, a história da habitação popular é a história do descaso e descompromisso do governo com a população de baixa renda do país.

### 3.2 - A Cruzada São Sebastião: uma alternativa mais humana

*Urbaniza-se? Remove-se?  
 Extingue-se a pau e fogo?  
 Que fazer com tanta gente  
 brotando do chão, formigas  
 de formigueiro infinito?  
 Ensinar-lhes paciência,  
 conformidade, renúncia?  
 Cadastrá-los e fichá-los  
 para fins eleitorais?  
 Prometer-lhes a sonhada,  
 mirífica, róseo-futura  
 distribuição (oh) de renda?  
 Deixar tudo como está  
 para ver como é que fica?  
 Em seminários, simpósios,  
 comissões, congressos, cúpulas  
 de alta vaniloquência  
 elaborar a perfeita  
 e divina solução?<sup>49</sup>*

Durante as décadas de 40 e 50 do século XX, a Praia do Pinto foi alvo de vários incêndios, cujas origens são desconhecidas e, em alguns casos, bastante suspeitas. Devido ao incêndio da favela da Praia do Pinto de 1952, Dom Helder Camara (1909-1999) começa a idealizar o conjunto hoje conhecido como a Cruzada São Sebastião. Com o objetivo de transferir para o coração de um bairro da alta burguesia do Rio de Janeiro a população que havia perdido seus barracos e pertences em um incêndio cuja origem nunca foi esclarecida e muitos consideraram criminosa. É sobre esses escombros que viria a ser erguida uma série de edifícios altamente valorizados, conhecidos como Selva de Pedra.

Desde o início, esse projeto foi criticado por vários aspectos. De um lado, a Fundação Leão XIII não achava justificável a construção da Cruzada São Sebastião, já que a Fundação já tinha um projeto que instalava centros sociais, escolas e clínicas que teriam a finalidade de urbanizar as favelas. Do outro lado, os moradores dos bairros vizinhos combatiam a transferência para a Cruzada com a desculpa de que o conjunto se transformaria rapidamente em uma favela novamente.

---

<sup>49</sup> ANDRADE, C. D. de. Favelário Nacional. In: Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.

Dom Hélder Pessoa Câmara nasceu em Fortaleza, em fevereiro de 1909 e faleceu Recife, em agosto de 1999. Foi um bispo católico e arcebispo emérito de Olinda e Recife. Também foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Ainda que tenha sido integralista em sua juventude, transformou-se em grande defensor dos direitos humanos durante o regime militar brasileiro e pregava uma Igreja simples, voltada para os pobres e a não-violência. Por sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Foi o único brasileiro indicado quatro vezes para o Prêmio Nobel da Paz. Entretanto, foi acusado por seus opositores de ser conivente com o marxismo, ideologia considerada, em geral, pela hierarquia católica, como sendo contrária aos princípios cristãos.

Dom Hélder transformou a Cruzada São Sebastião em um projeto de vida. Para ele as favelas acabam com a dignidade das pessoas. Quando Dom Hélder conhece a favela da Praia do Pinto esta é uma das favelas mais pobres do Rio de Janeiro, e é diante dessa realidade tão dura que a imagem de Dom Hélder se transformava para combater tantas injustiças.

*“Aquele homem mirradinho, ganhava um estrutura gigantesca diante do que imaginava como o mundo dos homens. Cuidadoso, exemplar atencioso e amoroso, Dom Hélder possuía uma alma de empreendedor e de carpinteiro, ambas se combinavam nas maneiras de associar a reflexão e o arregaçar das mangas para o duro trabalho do dia-a-dia.”<sup>50</sup>*

Dom Helder propunha mudanças nas formas de tratar a questão das favelas na cidade do Rio de Janeiro, e queria que os moradores das favelas fossem tratados de forma mais humana. Por outro lado, os velhos políticos queriam, simplesmente, remover as favelas para apagar da Zona Sul carioca as contradições sociais, já tão conhecidas, do Rio de Janeiro. O grande oponente de Dom Helder, naquele momento era Carlos Lacerda, que vai restringir as ações de Dom Hélder.

Carlos Lacerda desenvolveu o projeto de conjuntos habitacionais como por exemplo a Vila Kennedy. Os políticos queriam acabar com as favelas que desvalorizavam o solo urbano, e as ações e a liderança de Dom Helder incomodava os políticos e algumas pessoas dentro da Igreja. A política brasileira

---

<sup>50</sup> Comissão de Dom Hélder na PUC-Rio (ORG.). Dom Hélder Camara. Cem Anos de um Dom. Rio de Janeiro: Decanato CTCH, 2009.p.46.

confundia justiça social com comunismo, por conta disto, Dom Helder foi muito perseguido.

Dom Helder não pensava no nacionalismo, mas na brasilidade. Queria o Brasil com justiça social, e uma de suas iniciativas nesse sentido foi criar o Banco da Providencia, voltado para o que ele chamava de a pobreza envergonhada e para o que hoje chamamos de terceiro setor. Foi com esse pensamento e com a colaboração de algumas pessoas que pensavam assim como ele, que Dom Helder deu início à construção da Cruzada São Sebastião.

Foi durante o 36º Congresso Eucarístico Internacional realizado em julho de 1955, que o projeto do conjunto habitacional da Cruzada São Sebastião nasceu. Dom Helder pretendia, a partir deste projeto, dar início a um plano que visava urbanizar, em no máximo 10 anos, todas as favelas do Rio de Janeiro.



Dom Helder e o Abbé Pierre durante a construção da Cruzada São Sebastião, c. 1955., disponível no Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Nesta imagem, parte da série de fotografias da construção e inauguração da Cruzada São Sebastião em 29 de outubro de 1955, aparece, como em toda a série, a figura de Dom Helder Camara com o um ar de tranquilidade, e com os

gestos largos que o caracterizavam. Na série, ele aparece em vários momentos apresentando o seu projeto, por exemplo, na foto com o Abbé Pierre à direita e Maria Luiza Amarante, secretária executiva da Cruzada São Sebastião que sempre acompanhava Dom Helder.

Localizado entre a praia do Leblon e a Lagoa Rodrigo de Freitas, o conjunto é constituído por dez blocos, com sete andares cada um, contendo 906 apartamentos de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, além de outros de quarto e sala e algumas quitinetes. A Cruzada é considerada uma alternativa mais humana, que levava em conta a necessidade dos moradores de permanecerem onde haviam constituído uma história, mas houve e ainda há muita resistência a sua permanência no bairro do Leblon. A luta contra o preconceito é, no entanto, travada diariamente pelos seus habitantes que, até os dias de hoje, carregam nas costas as injustiças enfrentadas por seus descendentes.

Apesar de ser significativa a ausência de representantes do Estado nas fotografias da construção da Cruzada, o Presidente da República João Fernandes Café Filho, apoiou o projeto. Porém, a construção da Cruzada São Sebastião foi considerada uma vitória de Dom Helder Camara, visto que mesmo quase sem o apoio do governo e da igreja conseguiu levar adiante seu projeto.



Mulheres da Praia do Pinto com latas d'água passam em frente aos prédios da Cruzada São Sebastião ainda em construção. Agência O Globo, c. 1960. Disponível no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

A fotografia acima mostra mulheres da Praia do Pinto que carregam latas d'água e tem como pano de fundo os prédios da Cruzada São Sebastião em fase final de construção. As moradoras da favela costumavam ir até a Cruzada carregar água, pois dentro da favela a falta d'água era constante. Junto às mulheres, duas crianças ajudam na tarefa árdua, ou apenas as acompanham, visto que a maioria das mães não tinha com quem deixar seus filhos.

A falta de algumas janelas, em especial no prédio do meio, mostra que o conjunto está em fase final de construção, há também outros vestígios que o indicam, como por exemplo as pilhas de madeiras amontoadas em frente à construção e o terreno em seu entorno ainda sem ser asfaltado.

Uma pergunta fica o ar: quantas destas mulheres foram selecionadas para morar na Cruzada, pois havia um criterioso sistema para definir os moradores da Praia do Pinto que ocupariam os apartamentos do conjunto habitacional, os critérios eram:

- “1. Residir a família na favela pelo menos há 4 anos (época do último levantamento feito);
2. ser realmente pobre, isto é, impossibilitada de alugar ou adquirir morada fora da favela;
3. estar legalmente constituída, ou, pelo menos, enquadrada na moral natural e com alguma prole;
4. não possuir membros marginais.”<sup>51</sup>

A escolha por esses critérios foi definida a partir dos relatórios dos assistentes sociais que trabalhavam na Praia do Pinto.

A próxima imagem mostra a Cruzada atualmente, a foto é do desfile do bloco formado por moradores do conjunto. O Império da Cruzada desfilou na segunda-feira 7 de março de 2011. Também nessa foto os prédios servem de pano de fundo, no caso, para a alegria do carnaval dos moradores. No canto direito da

---

<sup>51</sup> Irmã Enny Guarnieri. *Uma experiência de promoção social: Cruzada São Sebastião*. Rio de Janeiro: CBCISS, 1963. IN: Bart Slob. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro**. Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latino americanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000. P. 82.

imagem o muro levantado pelo Clube Monte Líbano. À direita, um detalhe da fachada dos prédios.

O enredo deste ano foi uma crítica ao choque de ordem, uma operação da prefeitura do Rio de Janeiro para acabar com a desordem urbana como, por exemplo, os vendedores ambulantes e outras atividades que fossem consideradas contrárias à ordem pública.

*“Incrível, extraordinário,  
estou bolado com a situação:  
se ordem ou desordem  
nesta cambuca não vou por a mão  
rapadura é doce, choque de ordem não é mole não...  
bala, bala, chiclete que emoção  
sou ambulante no calçadão.  
bala, bala chiclete e’ o baleiro bis  
reliquia no meu Rio de Janeiro”<sup>52</sup>*



O desfile do bloco Império da Cruzada em março 2011. Fotografia Rafael Caetano<sup>53</sup>.

A foto acima, ao contrário da fotografia do início da construção, mostra a Cruzada repleta de alegria e festa. O samba que antes descia do morro para o asfalto, agora já está no asfalto e como diz a música composta em 1965, do grupo

<sup>52</sup> Compositores: JC, Serjão Baleiro e Valdecir. Disponível em <http://imperiodacruzada.blogspot.com>

<sup>53</sup> Rafael Caetano é morador da Rocinha e aluno de graduação Comunicação Social da PUC-Rio e desenvolve um trabalho de divulgação das atividades da Cruzada São Sebastião através do blog Império da Cruzada. <http://imperiodacruzada.blogspot.com>

Demônios Garoa, *“Eu sou o samba/ A voz do morro sou eu mesmo sim senhor/ Quero mostrar ao mundo que tenho valor”*<sup>54</sup>. A saída do bloco do Império da Cruzada pelas ruas do bairro do Leblon é talvez uma forma de mostrar que ali naqueles prédios, apesar da discriminação e do abandono dos governantes a alegria prevalece. Uma forma de dizer que os moradores da Cruzada também têm o direito de estar festejando no bairro do Leblon.

As mulheres dessa foto não carregam mais latas d’água e estão acompanhadas por seus maridos e filhos. O menino do canto inferior direito veste a camisa de seu time Flamengo, que outrora, por conta da construção do seu estádio foi palco da chegada de muitos dos moradores que trabalharam nela.

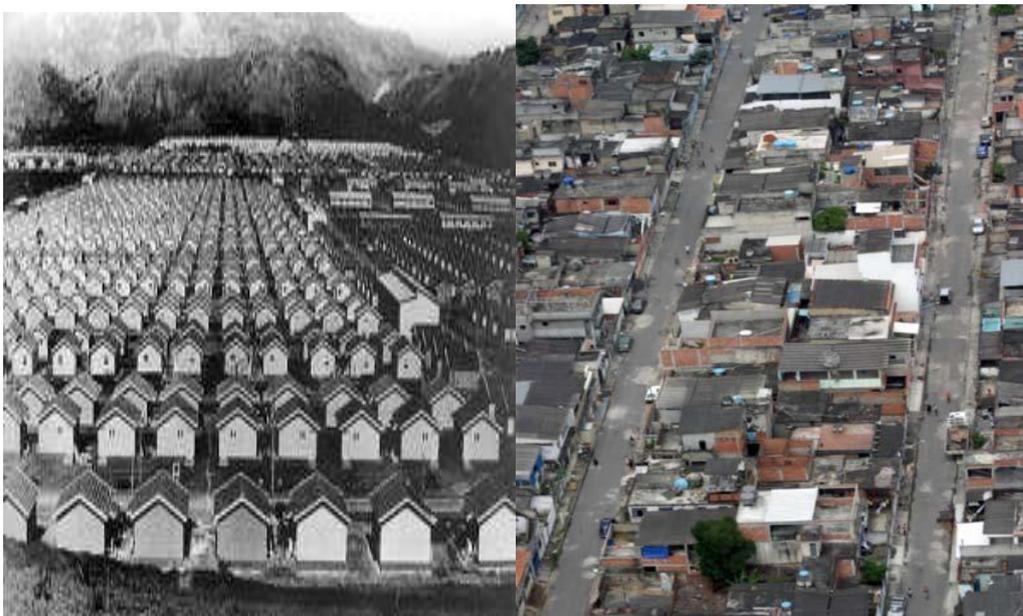
### **3.3 - Cidade de Deus, Vila Aliança e Vila Kennedy soluções ou a criação de mais problemas**

A Vila Aliança, a Vila Kennedy e a Cidade de Deus, para onde foram removidos boa parte dos moradores do Parque Proletário e algumas famílias da Praia do Pinto, fazem parte de um projeto habitacional criado entre 1950 e 1960 pelo então governador do Estado da Guanabara. Construídos no período de governo de Carlos Lacerda que promoveu a maior remoção de favelas já vista pelos cariocas até então, pressionado pelo aumento do valor imobiliário da Zona Sul do Rio de Janeiro, e a população desalojada foi levada, principalmente, para os conjuntos habitacionais de Vila Kennedy, Vila Aliança, em Bangu, e Vila Esperança, em Vigário Geral e Cidade de Deus em Jacarepaguá. Esses conjuntos habitacionais atualmente encontram-se em péssimo estado de conservação e isso mostra uma das marcas das discontinuidades de iniciativas voltadas para a população pobre e descaso para com ela por parte das autoridades políticas no estado e na cidade do Rio. Juntos, esses conjuntos habitacionais receberam cerca de 30 mil pessoas removidas das favelas cariocas, e dentre elas estavam moradores do Parque Proletário da Gávea e parte dos moradores da Praia do Pinto.

---

<sup>54</sup> Compositores: Demônios da Garoa, 1965, Disponível em <http://demonios-da-garoa.musicas.mus.br/letras/478689/>

Esses conjuntos habitacionais foram a forma pela qual o governo tentou resolver o problema das favelas no Rio de Janeiro, de forma afastar do Centro e da Zona Sul carioca a face nua e crua da grande disparidade entre as classes sociais brasileiras. Construídos com a promessa de melhorar a vida dos ex-moradores de favelas, esses conjuntos habitacionais foram esquecidos e com o tempo sofreram com o descaso do governo.



Conjunto habitacional Vila Kennedy em c. 1960 e em 2011. Disponível no site do Jornal do Brasil.

As fotografias acima são do conjunto habitacional da Vila Kennedy, a primeira é da década de 60 no início da ocupação das casas construídas, e a segunda é de 2011, e nesta última não se pode mais ver nenhum sinal das antigas casas. É possível notar o processo de favelização ocorrido, fruto do descompromisso do governo com seus moradores. Esse mesmo processo aconteceu com os outros conjuntos habitacionais como, por exemplo, a Cidade de Deus e Vila Aliança, esquecidos pelo poder público, o tráfico e a milícia tomaram conta do lugar, sem que fosse possível a reação da maioria da população trabalhadora, dada a desproporção de forças e a ausência ou conivência com traficantes e milicianos de políticas públicas em defesa da cidadania da população local

Além disso, o governo ao construir os conjuntos priorizou apenas as moradias, mas esqueceu o entorno, ao se mudarem os moradores se depararam com a falta de infra-estrutura dos bairros: não havia asfaltamento, escola com matrículas suficientes para todas as crianças, atendimento médico ou transporte público. Essa realidade fez com que os moradores se unissem em associações para lutarem por seus direitos.



Crianças moradoras do conjunto habitacional Vila Aliança, c. 1960. E operação do Exército em 2011. Disponível no site O Globo.

As fotografias da Vila Aliança, localizada no bairro de Bangu, mostram dois momentos de sua história, o primeiro da década de 1960, mostra crianças que se dirigem à escola e é nítido que ainda falta o calçamento das ruas e das calçadas, o que explicita uma das evidências do descaso do governo.

A segunda foto é de um momento de uma das operações do exército, em 2011, para tentar retomar o controle da Vila Aliança das mãos dos traficantes. Esta fotografia deixa evidente que, devido ao vazio da ação do poder público nessas localidades, elas foram ocupadas por bandidos até que se deflagrasse uma situação de guerra, na qual a população trabalhadora se viu transformada em trincheira entre o tráfico e o exército, que atualmente tenta retomar o controle destas localidades.

Nos dias atuais, o tráfico se aprimorou e passou a controlar a venda de botijões de gás e transportes alternativos, entre outros serviços. Além dos traficantes, surgiram também as milícias, grupo de ex-policiais fortemente armados, que cobram altos valores a moradores e comerciantes em trocas de uma falsa segurança, pois o perigo são eles mesmos.



Conjunto habitacional Cidade de Deus, c. 1970 e 2011. Disponível no site da Revista de Geografia y Ciencias Sociales da Universidad de Barcelona.

O conjunto habitacional da Cidade de Deus começou a ser construído no governo de Carlos Lacerda e quando esse deixa o governo, o projeto é continuado por Negrão de Lima. Esse conjunto, assim com os anteriores, também recebeu alguns moradores da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea. Com o tempo ocorreram invasões, e surgiram construções ilegais ao lado das casas planejadas. A Cidade de Deus expandiu-se desordenadamente e hoje tem uma densidade demográfica bastante alta.

Com o lançamento do filme *Cidade de Deus*, em 2002, o conjunto ficou em grande evidência na mídia, assim como os problemas da violência e da falta da presença do governo. Para muitos, o filme reafirmou os preconceitos já existentes sobre a comunidade, já outros viram no filme uma denúncia. A mídia tanto televisiva quanto a escrita muitas vezes sublinha o preconceito sobre essas

comunidades, pois dão mais atenção aos acontecimentos trágicos do que às iniciativas que mudam para melhor a vida dos moradores.

### **3.4 – A vida em conjunto**

Quando os moradores foram removidos das suas antigas casas nas favelas da Zona Sul carioca para os conjuntos habitacionais e se depararam com uma realidade muito diferente da que o governo prometera, precisaram se unir para buscarem seus direitos. Desta forma, unidos moradores de favelas diferentes passaram a buscar formas de associação e união para enfrentar os problemas do dia-a-dia juntos, como relata a moradora da Vila Aliança no curta metragem, *Vila Aliança, memórias em cinco minutos*. Dona Zica diz que ao chegarem ao conjunto pela primeira vez e se depararem com a falta de infra-estrutura, precisaram fazer grupos para que se ajudassem. Um desses grupos era o Grupo das Mães, que se reuniam para fazer artesanato para vender e se revezar na hora de levarem e buscarem as crianças na escola, que ficava muito distante.

Assim, moradores que não se conheciam antes, já que vinham de favelas diferentes, passaram a se unir cada vez mais e formaram as associações de moradores dos conjuntos. As vidas antes separadas pelas remoções se cruzam e agora para construir uma nova vida, ainda marcada por condições adversas. A política de remoções, que se efetivou em favelas da Zona Sul tais como o Parque Proletário da Gávea e a Praia do Pinto, parece, de fato ter removido populações pobres e áreas favelizadas dos olhos e da paisagem de alguns trechos da Zona Sul, em especial daqueles especialmente atraentes para empreendimentos imobiliários, mas não parece ter melhorado a vida dessas populações, para a qual essas iniciativas terminaram por significar uma nova forma de exclusão social.

## Conclusão:

As fotografias analisadas, principal fonte documental dessa monografia, revelam pequenos fragmentos que deixam perceber como eram construídos os barracos, flagrantemente dos moradores dessas favelas e conjuntos habitacionais, algo de suas reações frente às remoções, a presença da Igreja, a ausência dos poderes públicos, a realocação dos moradores para os conjuntos habitacionais e a construção da Cruzada de São Sebastião como uma alternativa para essas remoções que levavam os moradores para longe de onde haviam construído suas histórias.

As ausências são também bastante esclarecedoras no que diz respeito aos problemas enfrentados por esses moradores. Percebe-se que o Estado não estava presente, e pode-se concluir que a população moradora das favelas não desfrutava das condições mínimas para o exercício da cidadania plena à qual tinha direito. Pode-se, então, considerar a favela da Praia do Pinto e o Parque Proletário da Gávea como *lugares de memória* da trajetória biográfica de seus moradores, da história das favelas cariocas e das políticas públicas em relação à população favelada nas décadas de 1960 e 1970.

Ao passar pelos conjuntos habitacionais de Vila Kennedy, Vila Aliança, em Bangu, e Vila Esperança, em Vigário Geral, Cidade de Deus em Jacarepaguá e a Cruzada São Sebastião no Leblon, os poucos registros do Parque Proletário e da Praia do Pinto ganham relevo como lugares de memória simbólicos, visto que trazem à tona as lembranças e muitas vezes os esquecimentos de seus moradores em relação a seus vizinhos e aos seus idealizadores de planos dos quais foram meros objetos. São também lugares materiais de memória, não só por serem lugares onde a história dessas populações se materializa mas também porque, mesmo apagadas do tecido urbano da Zona Sul carioca, as fotos conferem realidade e tangibilidade ao vivido pelos moradores desses locais. São também lugares funcionais dessa memória já que carregam até os dias atuais a função de conservar e manter viva esta memória, ao mesmo tempo em que permitem reapropriações e recriações do passado vivido por seus moradores, em especial do

momento e dos significados das remoções, tal como demonstra, por exemplo, essa monografia.

O conjunto de fotos aqui analisado cumpre assim o tríplice requisito proposto por Pierre Nora para que algo possa ser considerado um *lugar de memória*, noção por ele proposta e desenvolvida em relação à França contemporânea, mas que não cessa de ser reapropriada para outros contextos.

Se é verdade que a noção de *lugares de memória* pode ser criticada por ser demasiado complacente, já que, na verdade, tudo aquilo que diga respeito a um dado coletivo e o expresse pode ser considerado um *lugar de memória*, também é certo que pode ajudar a pensar a pluralidade e a complexidade do conceito de memória e sua relação com a história, sobretudo se as questões sobre que memória é essa, a quem pertence e a quem pode ser útil forem enfrentadas.

No caso das memórias do Parque Proletário da Gávea e da Praia do Pinto, a análise dos registros fotográficos pode evidenciar que a remoção como saída para os problemas das favelas no Estado do Rio de Janeiro acabou por se mostrar ineficaz, pois não era uma solução verdadeira para diferenças sociais existentes na sociedade. A remoção transferia para as margens da cidade os moradores e seus problemas continuavam os mesmos e, em alguns casos, tais problemas aumentaram.

Primeiramente, alguns moradores ao serem transferidos para os conjuntos habitacionais mais distantes da Zona Sul, perderam seus empregos o que fez aumentar a pobreza dessas pessoas e suas famílias. Nas décadas de 50, 60 e 70 a frota de transporte público era insuficiente e não atendia plenamente as necessidades desses moradores, além disto ao ficarem tão distantes de seus trabalhos e terem que arcar com gastos muito mais significativos de passagens, mesmo quando mantinham seus empregos viam diminuída a renda familiar.

As remoções também causaram outra reação, que foi a organização dos moradores das favelas, fruto da necessidade de encontrar formas de buscar formas de resistência e auto defesa diante do descaso dos poderes públicos. O surgimento de novas associações de moradores que tinham como objetivo lutar pelos direitos

das pessoas que moraram nessas favelas e haviam sido removidas para conjuntos residenciais distantes, muitas vezes com a ruptura de laços de solidariedade familiar ou de vizinhança, assim como exigir do governo melhores condições para suas vidas e suas moradias. As principais reivindicações eram pela rede de água e esgoto.

Além dessas reações dos moradores, houve outra reação que ocasionou o aumento do número de favelas existente na Zona Sul carioca. Favelas como Rocinha, Vidigal e outras dobraram de tamanho, pois sem terem para onde ir e sem querer a remoção, muitos moradores instalaram-se nesses locais. Esse movimento vai gerar mais problemas como, por exemplo, a ocupação de terrenos cada vez mais instáveis e com risco a desabamentos.

Os programas de remoções da favela da Praia do Pinto e do Parque Proletário da Gávea, por sua vez, são também reveladores. Revelam, pelo processo que assumiram e pela dura prova da realidade vivida pelas famílias removidas durante e após a remoção, algo da lógica excludente da sociedade brasileira e das práticas do poder público.

Excluídos das decisões que levaram a sua remoção e realocação, os moradores da Praia do Pinto e do Parque Proletário continuaram a viver em condições precárias e foram postos mais à margem da cidade, levados para longe dos olhos que se sentiam incomodados pela visão cotidiana da miséria e das possíveis pequenas vantagens que tinham por viver na Zona Sul, mesmo que em situação de extrema pobreza. Excluídos da cidadania mesmo naquilo que dizia respeito a decisões vitais que lhes diziam respeito, encontraram outras formas de resistência e de compromissos com novas formas de dominação pessoal ou de assistencialismo. Excluídos das riquezas da cidade que seu trabalho ajudava a construir, encontraram novas formas de luta pela sobrevivência. Excluídos fisicamente do espaço em que se enraizaram na cidade, viram romper-se laços de sociabilidade já construídos e construíram novos laços de solidariedade e outras formas de associação.

Os poderes públicos, pelo que indica a documentação, tomaram decisões que beneficiaram interesses muito distantes daqueles das populações removidas, a

quem acenaram com os benefícios de casas novinhas em folha, mas sem esgoto, com uma rede de águas precária, sem escolas suficientes, sem serviços médicos e sem transporte público. Nos novos conjuntos habitacionais, convenientemente distantes, o poder público, nas raras vezes em que se fazia presente, assumia a forma da repressão, muitas vezes indiscriminada.

A história da remoção do Parque Proletário da Gávea e da Praia do Pinto é mais um capítulo da história do Rio de Janeiro como uma cidade partida, tal como indica o título do conhecido livro de Zuenir Ventura.

## Documentação:

Favela da Praia do Pinto, 1938. Acervo Gilberto Paixão, disponível no Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Pátio interno do Parque Proletário da Gávea c. 1950. Disponível no site Um Rio que passou na minha vida. <http://www.rioquepassou.com.br/2004/09/28/parque-proletario-da-gavea-ii/> (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011). Fotógrafo desconhecido.

Vista aérea da favela da Praia do Pinto, da Lagoa Rodrigo de Freitas e dos bairros do Leblon e Ipanema. c. 1960. Acervo da Agência O Globo. IN: Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Vista aérea do Parque Proletário da Gávea, c. 1960, com a PUC-Rio ao fundo. Acervo do Jornal o Globo IN: Núcleo de Memória da PUC-Rio. No site comemorativo dos 70 Anos da PUC-Rio <http://www.ccpq.puc-rio.br/70anos/colecoes/albuns-de-retratos/galeria/22> (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

Favela da Praia do Pinto, c. 1960. Agência O Globo. Disponível no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Remoção dos últimos moradores da favela da Praia do Pinto em 1969. IN: Agencia Jornalística Imagem. RIO: operação favela. Rio de Janeiro: Agencia Jornalística Imagem, 1969.

Moradora se despedindo da antiga casa, c. 1970. Acervo do Arquivo Nacional PH\_FOT\_03536\_021. IN: Núcleo de Memória da PUC-Rio. No site comemorativo dos 70 Anos da PUC-Rio <http://www.ccpq.puc-rio.br/70anos/colecoes/albuns-de-retratos/galeria/22>

rio.br/70anos/colecoes/albuns-de-retratos/galeria/22 (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

Detalhes da remoção do Parque Proletário da Gávea, c.1970. Acervo do Arquivo Nacional - PH\_FOT\_03536\_003/ PH\_FOT\_03536\_006. IN: Núcleo de Memória da PUC-Rio. No site comemorativo dos 70 Anos da PUC-Rio <http://www.ccpq.puc-rio.br/70anos/colecoes/albuns-de-retratos/galeria/22> (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

Dom Helder e o Abbé Pierre durante a construção da Cruzada São Sebastião, c. 1955. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio. <http://www.ccpq.puc-rio.br/nucleodememoria/dhc/galerias/marialuizaamarante/imagens.htm#inicio> (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

Mulheres da Praia do Pinto com latas d'água passam em frente aos prédios da Cruzada São Sebastião ainda em construção. Agência O Globo, c. 1960. Disponível no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio. <http://www.ccpq.puc-rio.br/nucleodememoria/index.htm> (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

O desfile do bloco Império da Cruzada em março 2011. Fotógrafo Rafael Caetano. Disponível na INTERNET em <http://imperiodacruzada.blogspot.com/> (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

Conjunto habitacional Vila Kennedy em c. 1960. Disponível no site do Jornal do Brasil. [http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id\\_noticia=16944](http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=16944) (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

Crianças moradoras do conjunto habitacional Vila Aliança, c. 1960. Acervo do Jornal O Globottp://banco.agenciaoglobo.com.br/Pages/DetalleDaImagem/?idimage

m=28017E operação do Exército em 2011 (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

Conjunto habitacional Cidade de Deus, c. 1970 e 2011. Disponível no site da Revista de Geografia y Ciencias Sociales da Universidad de Barcelona. <http://www.oriodejaneiro.net/cidade-de-deus.htm> (disponível na INTERNET em 07 de novembro de 2011).

## Bibliografia:

ABREU, Martha Campos. "Em Nome da Moral e dos Bons Costumes:" Discursos Jurídicos e Controle Social. COLEÇÃO PAPEIS AVULSOS-CASA RUI BARBOSA, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-20, 1986.

ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPP, 2006.

Agencia Jornalística Imagem. **RIO: operação favela. Rio de Janeiro**: Agencia Jornalística Imagem, 1969.

BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. (disponível na INTERNET em [http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/clara\\_dos\\_anjos.htm](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/clara_dos_anjos.htm), 19 de julho de 2011).

BAUDELAIRE, Charles. 1959[Tradução e comentários: Ronaldo Entler, 2007]. **O público moderno e a fotografia**. Carta ao Senhor Diretor da Revue Française sobre o Salão de 1859 [20/06/1859]. (disponível na INTERNET em <http://www.entler.com.br/textos/ baudelaire2.html>, 15 de julho de 2011).

BYINGTON, Silvia Ilg e NEVES, Margarida de Souza (Orgs.) PUC-Rio 70 Anos. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2010.

CARDONE, Monique. **Com UPPs, aumenta procura de turistas e cariocas por passeios em favelas do Rio de Janeiro. Santa Marta chega a ser o segundo lugar mais disputado em uma agência de turismo**. R7, 28/03/2011. (disponível na INTERNET em <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/com-upps-aumenta-procura-de-turistas-e-cariocas-por-passeios-em-favelas-do-rio-de-janeiro-20110328.html>, 20 de julho de 2011).

CARVALHO Filho, Silvio de Almeida Carvalho. *Visões Da Criminalidade Nos Musseques Caluandas e nas Favelas Cariocas: Uma Análise Comparativa Entre Ladeiro E Perlman*. In: **VI Semana de História da UERJ Integração, Discurso e Representação, 2007, Rio de Janeiro. VI Semana de História da UERJ Integração, Discurso e Representação**. Rio de Janeiro : Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. vol. 1. p. 574-583.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque**. 2<sup>a</sup> ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

COMISSÃO DO ANO D. HELDER NA PUC-Rio (org.). **Dom Helder Camara: cem anos de um dom**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2009.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EDMUNDO, Luis. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Vols. 4 e 5. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

EDUARDO, Luiz. **A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO BRASIL**. Publicações e Artigos. (disponível na INTERNET em <http://portalcapoeira.com/Publicacoes-e-Artigos/a-historia-da-capoeira-no-brasil>, 02 de novembro de 2011).

FUNDAÇÃO LEÃO XIII. **Morros e Favelas: Como Trabalha a Fundação Leão XIII.** Notas e Relatório do Exercício de 1949. Rio de Janeiro: Fundação Leão XIII, 1949.

FREIRE, Américo e OLIVEIRA, Lúcia Lippi de (ORGs). **Novas Memórias do urbanismo carioca.** Rio de Janeiro: editora FGV, 2008.

GALEANO, Eduardo. Os Ninguéns. IN: **O Livro dos Abraços.** 9ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. p 42. (disponível na INTERNET em <http://www.epsjv.fiocruz.br/beb/textocompleto/008802>, em 08 de outubro de 2011).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GONÇALVES, Eduardo. **Encontros, identidades e simbolismos: os pilotis como lugar de memória da PUC- Rio.** Monografia apresentada ao Departamento de História da PUC-Rio como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História, 2008.

GUIMARÃES, Alberto Passos. (1953), “As favelas do Distrito Federal”. Revista Brasileira de Estatística, 55, jul.-set.: 250-78.p.259

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, Diretoria de Informações Geográficas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. **Favelas cariocas, um tema comum a Dodsworth e Lacerda.** IN: Coleção de Estudos da Cidade. Rio Estudos nº 144, Rio de Janeiro: 2005. (disponível na INTERNET em [http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/114\\_favelas%20cariocas,%20um%20tema%20comum%20a%20dodsworth%20e%20lacerda.PDF](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/114_favelas%20cariocas,%20um%20tema%20comum%20a%20dodsworth%20e%20lacerda.PDF), 05 de outubro de 2011).

LEEDS, Anthony e LEEDS, Elizabeth. **A Sociologia do Brasil Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

MALEQUE, Miria Roseira. De Bairro Proletário à Elegância da Gávea. IN: Evelyn LIMA, Furquim Werneck e MALEQUE, Maria Roseira (orgs.). **Espaço e Cidade: Conceito e Leituras**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2004.

MATTOS, Rômulo Costa. **Pelos Pobres! As Campanhas pela Construção de habitações Populares e o Discurso sobre as Favelas na Primeira República**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Doutor, 2008.

\_\_\_\_\_. **Aldeia do mal: o Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Mestre, 2004.

MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história interfaces”. Rio de Janeiro: Revista Tempo, vol. 1, nº. 2

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares.” IN: **Revista Projeto História**. nº 10 História & Cultura. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós- Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Carnaval das Letras**. 2ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2004.

---

. **As barricadas da saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

PORTUGAL, Isaura Lengruher. **Favela, problema administrativo.** Trabalho de conclusão de curso da Escola de Serviço Social da PUC-Rio, 1959.

RIO, João do. Vidas Vertiginosas - 1917. IN: Jangada Brasil a cara e a alma brasileiras. Ano VIII - Edição 84, Novembro de 2005. (disponível na INTERNET em <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/novembro84/al84011b.asp>, em 06 de novembro de 2011).

SANZ, Cláudia Linhares. Advento fotográfico: marca epistemológica da temporalidade moderna. En publicacion: Studium, no. 26. IFCH-UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciência Humanas. Pós-Graduação de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas: Brasil. s.f. (disponível na INTERNET em <http://www.studium.iar.unicamp.br/26/07.html>, 07 de novembro de 2011).

SIMON, Vítor e MARTINS, Fernando. Vagalume. Marchinha lançada em 1954 pelos Anjos do Inferno. (disponível na INTERNET em <http://www.dicionariompb.com.br/victor-simon/dados-artisticos>, 03 de novembro de 2011).

SLOB, Bart. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro.** Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latino Americanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000.

VALLADARES, Licia. **A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às ciências sociais.** REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 15. Nº 44.

\_\_\_\_\_, Licia. **Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VELLOSO, Monica Pimenta. **As tradições populares na Belle Époque carioca.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1987.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida.** São Paulo: Companhia das letras, 1994.

ZALUAR, Alba, ALVITO, Marcos (Orgs.). **Um Século de Favela.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Depoimento de Dona Elenice para site Favela tem Memória. Disponível em <http://www.favelatemmemoria.com.br/>.